

CLIPPING 13º VIDEOBRASIL, 2001
(principais reportagens)



Remarks on Color (à esq.), de Gary Hill, e o brasileiro **Funquiada** (ao lado) estão no festival

FOTOS: REPRODUÇÃO

Videobrasil

ARTE ELETRÔNICA Na 13ª edição do festival internacional, a videoarte funde-se às novas tecnologias *Paula Alzugaray*

Afinado com uma das mais fortes tendências internacionais da arte contemporânea, o 13º Festival Internacional de Arte Eletrônica - Videobrasil usou como critério de seleção de trabalhos as convergências entre mídias. Utilizando como tema "Fluxos, Fusões e Assimilações", o festival - que acontece entre 19 e 23 de setembro - varre as fronteiras entre videoarte, internet, CD-ROM e outras plataformas eletrônicas.

"A videoarte sempre foi uma linguagem camaleônica. Está sempre flertando com outras linguagens", diz a curadora e diretora do Videobrasil, Solange Farias. "Nos anos 70, flertou com as artes plásticas, cênicas e musicais e deu nas videoinstalações. As fusões fazem parte de sua natureza." O flerte da videoarte com as mídias interativas poderá ser conferido nas 135 produções audiovisuais de 15 países. Entre eles, Brasil, EUA, Espanha, Ca-

nadá, Inglaterra, México, França e Grécia, onde, segundo a curadora, a videoarte expandiu-se em ritmo meteórico. "Assim como no Brasil, a Grécia tem uma produção grande, importante e atendida com o mundo, sempre preservando suas características locais", diz Solange, para quem globalização não é sinônimo de homogeneização.

Entre as estrelas do festival, dois pioneiros da videoarte: o norte-americano Gary Hill e o brasileiro Rafael França Hill, além de ganhar retrospectiva, comparece com a videoperformance "Black Performance". **O vídeo na era da Globalização**

Até 23/9 - Sesc Pompéia - Rua Cláudia, 93 - tel: (11) 3871 7777 - São Paulo

Jornal da Tarde. São Paulo, 18/09/2001.

Gary Hill é homenageado no Videobrasil

Ícone da videoarte, artista americano ganha retrospectiva em São Paulo, onde deverá realizar performance. Por Renata Saraiva

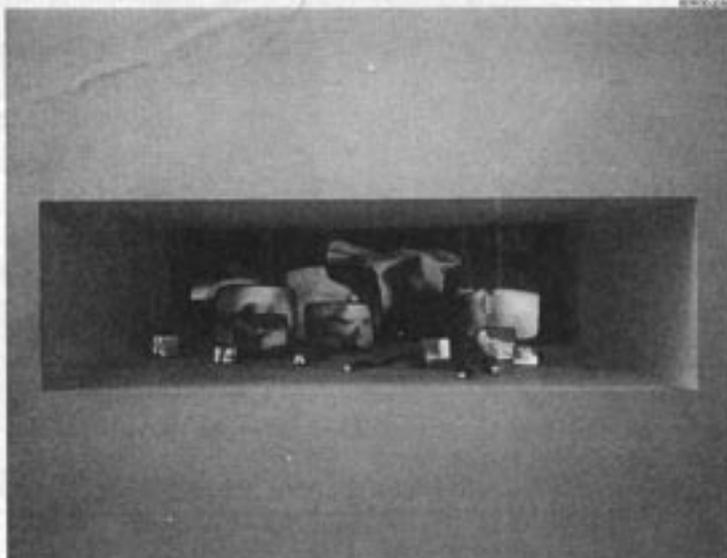
13º Videobrasil

Festival Internacional de Arte Eletrônica. Mostra competitiva de audiovisual até o dia 23, no Sesc Pompéia (Rua Cláudia, 93, São Paulo). As obras ficarão expostas até 23 de outubro.

Ele já foi considerado o "Giotto da atualidade". Levou a videoinstalação à condição de linguagem das mais finas artes, como a pintura e a escultura. Ícone da videoarte mundial, o americano Gary Hill, de 50 anos, é o homenageado da 13ª edição do Videobrasil, festival que anualmente faz a prospeção de jovens talentos da arte digital em países em vias de desenvolvimento - este ano, 135 obras de 15 países estão na mostra competitiva. O tema do festival é "Fluxos, Fusões e Assimilações".

Hill devia ter chegado a São Paulo no fim de semana, para realizar amanhã, durante a abertura do festival, a performance "Black Performance". Mas, por causa dos ataques ocorridos nos Estados Unidos na terça, teve a viagem adiada - a performance será no sábado ou no domingo.

A homenagem do Videobrasil ao "papa" da videoarte - Hill ganhou o Leão de Ouro da Bienal de Veneza em 1995 - terá a forma de uma retrospectiva completa. Além de obras de todas as fases de sua carreira, as três grandes últimas instalações de Hill, "Remarks on Color" (1994-1998), "Wall Piece" (1998) e "Remembering Paralinguay" (2000), poderão ser vistas até 21 de outubro.



Videoinstalação de Gary Hill, feita com imagens do próprio corpo, em 1990: uso da fala e do corpo para causar impacto

"Remembering Paralinguay" e "Black Performance" foram criadas com a videoartista Pazina Wallenberg-Olsson. "Essa performance trata de presença e ausência; futuro e passado extremo; e, de alguma forma, tenta conectar futuro e passado por meio da electricidade", explica Hill ao Valor por telefone.

Conhecido por explorar os mais diferentes recursos da arte digital ("Ele usa todas as expres-

sões da videoarte", diz Solange), Hill mostra-se modesto. "Muitas pessoas me julgam mais sofisticado tecnologicamente do que realmente sou", diz. Tendo iniciado sua carreira artística como escultor, ele considera a tecnologia apenas uma ferramenta a mais para expressar seu trabalho, que em geral tem o corpo e a palavra como elementos fundamentais.

"O corpo e a fala, para mim, são instrumentos para intervir,

comunicar e causar impacto, numa época em que a tecnologia torna-se tão fascinante", afirma. E observa: "tecnologia no sentido mais amplo da palavra: a imagem e sua relação com a visão, o fascínio exercido pelas imagens. Para mim, com isso eu uso o corpo, a fala e a linguagem."

Em "Wall Piece", obra exposta também na Bienal de Veneza (até 4 de novembro), um homem (o próprio Gary Hill) abra-se repetidas

vezes contra uma parede. A cada impacto, sua voz pronuncia uma palavra. Uma luz estroboscópica se acende apenas no momento em que o homem atinge a parede preta. "Cada palavra que pronuncio fala de algum aspecto mais básico de estar vivo", explica Hill.

A instalação é composta de som e vídeo "single-channel" e utiliza-se de projetor colorido de vídeo, aparelho e disco DVD, luz estroboscópica e um controlador com apoio de aço, dois alto-falantes, amplificador e equalizador. "Essa instalação e "Remembering" são obras bastante agressivas", comenta o artista.

Em "Black Performance", Hill sempre com alguns paradigmas de sua obra, tirando palavra e corpo de cena. "Não há palavras nessa performance e, na maior parte do tempo, nem mesmo um 'performer' que possa servir", avisa. "Tudo ocorre dentro de uma membrana imaginária envolvendo palco e platéia. E como se a performance não fosse realizada ali, mas em outro lugar."

Interrogado sobre o que vem antes em seu processo criativo, tema ou tecnologia, Hill recorre à filosofia. "Quando imagino um diálogo com ferramentas, não estou tratando de tecnologia. Para mim, é algo mais próximo do que Heidegger chamava de 'techne'. Não, seres humanos, somos seres tecnológicos. É algo natural", observa.

E assim que muitos de seus trabalhos são considerados políticos, embora não falem abertamente da política. "Meu conceito

de política não é muito convencional", diz ele. "A arte é algo político por natureza: um espaço no qual o indivíduo pode desenvolver idéias, livre de preconceitos. Se uma obra leva as pessoas a refletir sobre a condição humana, esse é um ato carregado de significado político", completa.

Isso significa que Hill definiria a política em termos de opiniões individuais? "Eu diria que em termos fundamentais", responde. "Quando um indivíduo lida com essas questões, ele é afetado, sua vida muda, sua mente se altera. A mudança resultante é mais duradoura do que se fosse resultado de pressão externa para convencer a pessoa a tomar uma atitude", observa.

Embora Hill não expresse em separar a videoarte de outras linguagens artísticas, ele acredita que esse meio é mais eficiente quando o assunto é levar as pessoas à reflexão. "A cibernética, por exemplo, nos oferece meios muito poderosos para analisar as coisas", afirma. "Estou muito mais interessado em um espaço para pensar do que no espaço estético."

As obras de Hill fazem parte de uma exposição que totaliza 600 trabalhos. Das 135 obras da mostra competitiva do Videobrasil, 100 são em vídeo, 15 em CD-ROM e 16 em web arte (arte feita na internet) - essas duas últimas linguagens fazem parte de uma nova categoria criada nesta edição do festival. Ao lado de Gary Hill estão outros videoartistas consagrados, como o italiano Gianni Toti.

Marina Willer brilha em Londres e SP

Fotos Divulgação

Seu filme 'Cartas da Mãe' abre festival na cidade inglesa e é finalista do VideoBrasil

LAIS MENDES PIMENTEL

Especial para o Estado

LONDRES - Marina Willer está com um média-metragem em cartaz num festival de cinema em Londres e o mesmo trabalho é finalista do festival Videobrasil, que termina domingo em São Paulo. Marina, de 36 anos, também é responsável pela cara nova das quatro galerias da Tate. Ela é, com Fernando Kinas, responsável pela realização (criação, roteiro e direção) do filme *Cartas da Mãe*, um retrato do Brasil recente feito através das cartas que o cartunista Henfil escrevia à sua mãe, dona Maria, e que foram publicadas nos anos 70 em várias revistas. O filme inaugurou o 12.º Festival de Cinema Latino-Americano em Londres que, este ano, reuniu 11 obras brasileiras, entre elas o longa *Domésticas*, o *Filme*, de Fernando Meirelles.

As cartas escritas por Henfil com críticas ao governo militar sobreviveram à censura ferrenha da época graças ao ar aparentemente inofensivo e sutil das missivas à genitora. Mas não se trata de um filme sobre Henfil. "Escolhemos falar do Henfil porque as novas gerações não se lembram mais da figura artística e política, que foi uma personalidade que cumpriu papel fundamental na luta contra a ditadura. E queríamos também fazer algo sobre o País de hoje. Assim, contamos a história do Brasil atual pelos olhos do Henfil dos anos 70. As cartas são muito bonitas, falam de diversos assuntos, pessoais, como a dor de estar distante do irmão, o Betinho, então exilado, assim como temas do dia-a-dia, como futebol. O filme traz imagens atuais e mostra como os fatos referidos por



Marina nasceu em Curitiba



Fachada da Tate Modern com o novo logotipo criado por Marina

Henfil no passado continuam atuais."

Cartas da Mãe está estreando no exterior. A reação dos estrangeiros no Festival Latino-Americano, em cartaz até amanhã, foi positiva, mas o público-alvo de Marina é outro. "Este trabalho tem uma linguagem que funciona na Europa, mas por não ser didático, quem não está por dentro da situação perde muito, pois falamos em A1-5, em pessoas que foram presas ou exiladas... *Cartas da Mãe* foi feito para o público brasileiro."

O prazer de exercitar seu talento em curtas e vinhetas preenche as horas vagas de seu trabalho de graphic designer de uma importante empresa de programação visual,

a Wolff Olins. Liderando uma equipe, Marina Willer comandou a revolução visual que a divisão da Tate Gallery em Modern and Britannia representou para o mundo das artes. "Fiz a identidade da Tate, não só da Modern, mas de todas as quatro Tates, incluindo as de Liverpool e St. Ives. Mudamos toda a 'cara', a personalidade da Tate. A idéia era que a Tate deixasse de ser um museu ou galeria, algo restrito, para um espaço aberto,

parecido com o Pompidou, em Paris. Algo mais vivo e menos acadêmico."

Curitiba, Marina mudou-se para Londres em 1993, para fazer mestrado no Royal College of Art. Desde 1996 na Wolff Olins, ela acumula prêmios e indicações para premiações como a do Selfridges Perrier-Jouet design award, na categoria melhor designer britânica do ano. Britânica, nada. Brasileiríssima: "O fato de ser brasileira teve uma influência fundamental no meu trabalho. Afinal, vim para cá para fazer mestrado, mas minha formação foi toda feita no Brasil."

Antes de *Cartas da Mãe*, Marina havia realizado uma série de vinhetas para a MTV, incluindo o belo curta *Ariel*, de 1996, exibido em Paris, Londres e no Festival de Roterdã. A cena que mostra sacos de papel e de plástico voando pelas ruas de uma grande cidade ao som de diversos hits foi comprado e exibido durante vários meses pela MTV de Londres, em 1997. Logo depois, o vencedor de cinco Oscars no ano passado, o filme *Beleza Americana*, do inglês Sam Mendes, era acusado de plágio. A semelhança das cenas foi observada por muitos, mas o processo iniciado pela MTV acabou sendo suspenso, o que não pareceu incomodar Marina: "É difícil provar, legalmente, que houve plágio, e pessoalmente nem eu nem o Fernando nos envolvemos nesse processo. Ficamos felizes por nossa idéia ter sido apreciada, mas teria sido melhor se houvesse o reconhecimento."

13.º Videobrasil mostra a arte do novo século

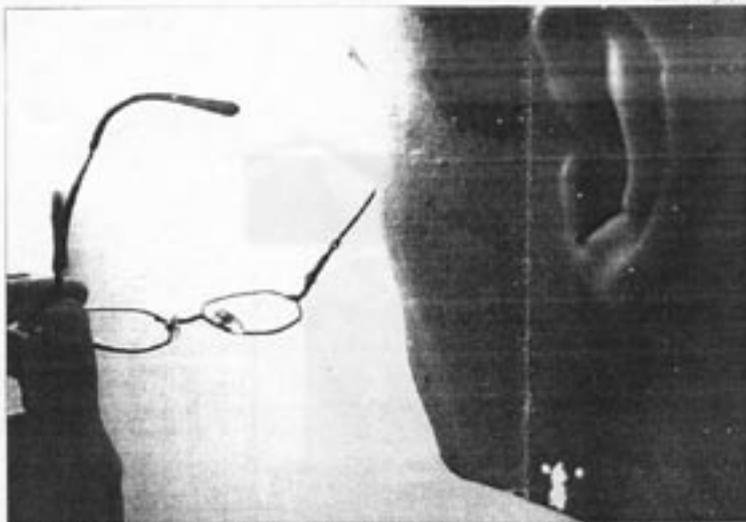
Festival reúne 135 trabalhos na mostra competitiva e traz obra de Gary Hill no Brasil

MARINA HIRSZMAN

Após uma ausência de três anos, na qual passou por uma série de remodelações, o Videobrasil abre hoje sua 13.ª edição, com uma série de atrações inéditas para os amantes curiosos do vídeoarte. Serão exibidos aproximadamente 300 trabalhos, selecionados em 135 seleções para participar da mostra competitiva (escolhidos com dificuldade pela comissão julgadora em meio a um volume recorde de mais de 600 inscrições), os títulos rápidos ao Festival pelos dez curadores internacionais convidados a traçar um panorama da produção de seus países e uma seleção de obras do convidado de honra desta edição e um dos pais da videoarte, o norte-americano Gary Hill. Além disso, há uma intensa programação de instalações e performances e uma seleção de trabalhos para a videoteca, que pretende traçar um panorama das reflexões no área.

Mesmo com uma programação tão diversa, que inclui desde os teatros de linguagem não verbalmente - a videoarte tem pouco mais de três décadas de existência - até as experiências desenvolvidas nos países incluídos no catálogo amplo do Terceiro Mundo participaram da seleção apenas os países do Sul, tendo mais política que geográfica. A videoteca faz parte de uma associação do Videobrasil com o Paço das Artes, onde será criado um espaço permanente de acesso do público ao acervo de cerca de 3,5 mil títulos, atualizados pela organização do festival em seus 15 anos de existência. A inauguração da videoteca será no sábado, com uma apresentação de Gary Hill. No campo brasileiro será homenageado o artista multiartista Rafael França, com o lançamento de um documentário sobre sua produção.

Apresentamos a programação de dez países



Cena de vídeo do grupo Estádio Mesquita, de Belo Horizonte, um dos concorrentes do festival

autor que uma produção tão distinta. Mas a diretora do Videobrasil, Solange Parkas, não hesita um minuto em afirmar que a grande novidade desta 13.ª edição é a interatividade e a necessidade de os artistas de pensar, questionar a própria questão da narrativa, não importa o meio que estejam utilizando. Trata-se de uma disseminação ainda mais potente da rebelião que sempre marcou a videoarte em sua tentativa de abalar uma



Trabalho de Carlos Magno, que também concorre à premiação no festival que será aberto hoje

leitura randômica, circular, em contraposição à narrativa linear presente em outras linguagens como o cinema. "A mente humana também funciona assim, a gente não pensa linearmente", diz.

Entre os temas explorados pelos artistas predominam as discussões acerca de questões como a relação do homem com seu próprio corpo, com o outro, e - nos campos menos introspectivos - uma série de reflexões sobre os efeitos da globalização.

Segundo Solange, a decisão de passar três anos sem realizar uma edição do festival (que inicialmente era anual e posteriormente se transformou num evento bienal)

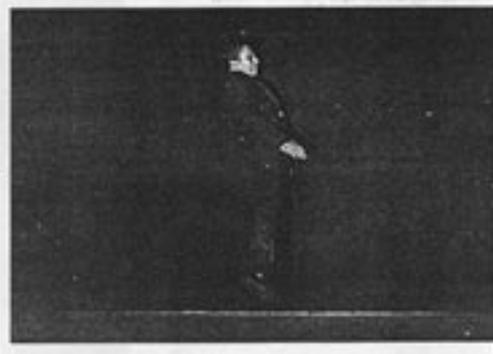
foi vital para re pensar os rumos da mostra - assim como em 89, as organizações sentiram necessidade de tomar o Videobrasil um festival internacional - e decidir intercalar a mostra competitiva com grandes exposições curatoriais, capazes de traçar interessantes panoramas como o da produção africana trazido pela organização no ano passado. E, mesmo assim, o profundo dinamismo do setor continua exigindo mudanças.

Hoje Solange considera um erro ter dividido as inscrições em dois segmentos: vídeoarte e novas mídias (este último aberto a todas as nacionalidades, não só o hemisfério).

"A videoarte tem como característica forte a maneira intensa com que as linguagens. É essa certa promiscuidade, criticada pelos



'Gentiana', de Marcelo Garcia, concorrentes, que fez lá essa força", explica a curadora. Se o artista que se embrenhou por esse ca-



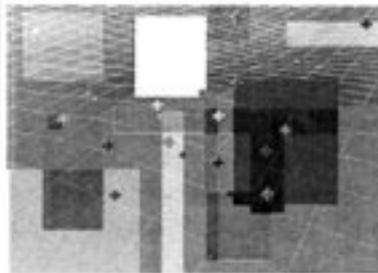
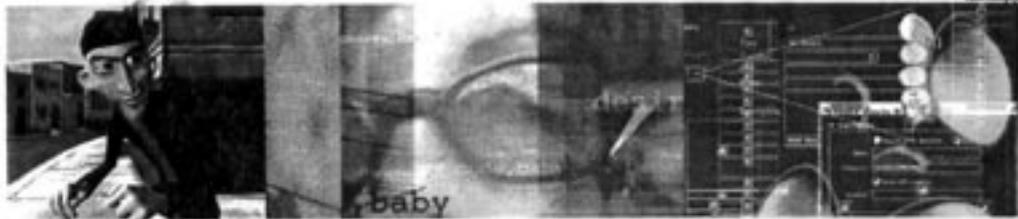
Imagens de 'Wald Piero', feitas para Veneza e que Hill traz a São Paulo

talho tem em comum a experimentação de novas ferramentas, ele se adapta de maneira impressionante à nova tecnologia digital, esfacelando mais uma barreira em seu caminho. "Esta é a arte do começo de um novo século. As pessoas estão se apropriando de todas as linguagens. As fronteiras é que desabam", conclui Solange.

SERVICO

Videobrasil - Festival Internacional de Arte Eletrônica. De terça a sábado, das 9 às 22 horas; domingo, das 9 às 20 horas. Sede Pompéia, Rua Clélia, 93, tel. 3571-7700. Até domingo. Abertura hoje, às 9 horas

Ao lado, "Woodstock", de Maurício Vidal, Fernando Moraes e Sérgio Yamamoto, "Love Hotel", de Lídia Mattos, e "Bastard", de Manoel Mendonça. Abaixo, "Governor", de Julian Rabin; trabalhos de outros competidores



MULTIMÉDIA Evento reúne trabalhos em novas mídias e mais artistas plásticos

Videobrasil abre hoje com dois pés na internet

ANDRÉO MOURA
ALBERTO FERRELL

Epílogo de "linguagem-veloz" do audiovisual pela possibilidade da formação de tecnologia e de linguagem, a Videobrasil abre hoje em São Paulo.

O evento que confere de forma mais ampla esse sentido é a 13ª edição do Festival Internacional de Linguagem Eletrônica, o Videobrasil. O festival abre hoje suas portas ocupando as salas do Sesc Pompeia e é patrocinado pela a Associação de Cinema de Vídeo, expressa em duas vertentes.

A primeira delas é o uso cada vez mais frequente de mídias eletrônicas — que vão ao caso de internet — e o descompartmentamento das linguagens artísticas, visando para o aspecto do vídeo cada vez mais artístico de outras mídias, especialmente das artes plásticas.

"É como se fosse o primeiro filme que expressamos sendo, só podemos atribuir esse sentido na arte eletrônica a uma coisa: o uso da internet." Quem comenta é o chefe de programação do Videobrasil, Alexandre de Cunha, Rosângela Rocco, Cas Guimarães e Rêvele Neuza-Oliveira, entre os outros exibidores convidados para o evento.

Para se adaptar à realidade específica das novas mídias, a curadoria criou um espaço para a fruição de obras na internet. "É uma experiência singular para cada trabalho, muito diferente da ex-

ibição das vídeos no teatro", diz o videomaker Eduardo de Jesus, membro do comissão de seleção de obras do festival.

O autor do videomaker Gary Hill, homenageado no evento com uma retrospectiva de suas videodestaques, sente como uma espécie de ambiente de segunda infância que o Videobrasil constitui o estabelecimento com o caráter das artes plásticas.

"Quando o vídeo surgiu no Brasil, tinha muito mais referência do cinema como Gaudier. Tinha principalmente. Hoje de se voltar para o espaço das artes plásticas, que é sua origem internacional, com o Fluxus, por exemplo", comenta Solange Freitas.

A presença de artistas como Alexandre de Cunha, Rosângela Rocco, Cas Guimarães e Rêvele Neuza-Oliveira entre os outros exibidores confirma essa tendência. Para não se restringir à face interativa, o festival aposta na criação de um "Videobrasil" com a Coleção de Autores, documentos digitais e planilhas de arte eletrônica. A abertura do evento hoje acontece com a estreia de "Julius Frenkel", sobre o artista multimídia gaúcho.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE LINGUAGEM ELETRÔNICA — edição de 13ª abrange vídeo e artes plásticas. Onde: Sesc Pompeia, Sala 10, 11, 12 e 13 (11.967-7700). Quando: abertura hoje, daqui ao 19, até domingo, das 19 às 23h. Quanto: entrada franca.

Adaptado de André Moura

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO

→ 19h - Abertura com a demonstração "Julius Frenkel" de Rêvele Neuza-Oliveira e Marco del Pat, sobre o autor gaúcho pioneiro do vídeo em Brasil no teatro

→ 19h30 - "The Bad Performance" com Gary Hill e Paula Wollenberg-Olson no teatro

Artes Plásticas

→ 19h30 - "Condições" de Rosângela de Rocco para individual com apresentação de Gabriel Souchayre no auditório do Sesc

→ 19h30 - Performance "Governor" com o artista plástico carioca

Alexandre de Cunha no teatro

→ 19h30 - "Cineastas" de Rosângela de Rocco, com apresentação de Rêvele Neuza-Oliveira e produção de Rosângela de Rocco no auditório do Sesc

→ 19h30 - Apresentação do livro "Médias e Interiores" de Cas Guimarães no coffee shop

→ 19h30 - Performance "Julius" de Rêvele Neuza-Oliveira no teatro

Internet

→ 19h - Apresentação com Gary Hill e Paula Wollenberg-Olson, no site do Projeto de Arte da Universidade UFRJ

09h/11.30h-19h30

→ 19h - "Condições" de Rosângela de Rocco, com apresentação de Rêvele Neuza-Oliveira

→ 19h30 - "Condições" de Rosângela de Rocco, com apresentação de Rêvele Neuza-Oliveira

→ 19h30 - Apresentação de Rêvele Neuza-Oliveira

→ 19h30 - Apresentação de Rêvele Neuza-Oliveira

→ 19h30 - Apresentação de Rêvele Neuza-Oliveira

Festival apresenta arte eletrônica de 15 países

Convergência de mídias marca VideoBrasil, que acontece a partir de quarta no Sesc Pompéia; custo do evento é de R\$ 1,8 milhão

LINK

Site de cães tem 20 mil visitas

Criado para divulgar informações sobre cães, o site www.kennelclub.com.br completa um ano de atividades. Com cerca de 20 mil visitantes por mês, o endereo eletrônico traz dados sobre 300 raças, classificadas em ordem alfabética ou por países de origem. Conta ainda com

histórico das origens dos cães — semanalmente são incluídas três raças, que ganham destaque na página inicial do site. Entre os destaques, está o teste de escolha do cachorro ideal, que faz a combinação de características e indica as opções de raças mais adequadas ao perfil do comprador.



SP Jazz lança portal de cultura

Com informações sobre música, teatro e cinema, o site www.spjazz.com divulga centenas de escolas de música, lojas, fabricantes e importadoras de instrumentos musicais. O novo portal é iniciativa do espaço cultural SP Jazz Bar e Artes, na Vila Madalena.

Chat discute segurança

O engenheiro eletrônico José Carlos de Vasconcelos participa hoje, a partir das 17h, de chat no site www.protegus.com.br. Diretor da Associação Brasileira de Empresas de Segurança Eletrônica, Vasconcelos vai falar sobre o mercado de segurança patrimonial.

link@gazetamercantil.com.br

Paulo Neves de São Paulo

Baseado no tema "Técnicas, Suportes e Aplicações", o festival internacional de arte eletrônica VideoBrasil reflete a tendência de convergência de mídias na criação e no desenvolvimento de novas linguagens artísticas. A mostra competitiva, que acontece de quarta a domingo, no Sesc Pompéia, em São Paulo, apresenta 135 obras de 15 países: cem de vídeo, 19 de CD-ROM e 16 de webarte.

"Durante o processo de curadoria, percebemos que os trabalhos analisados indicavam essa tendência de convergência de mídias, principalmente com vídeo, web e CD-ROM", afirma Solange Oliveira Farkas, curadora do VideoBrasil. "A interatividade é um divisor de águas na arte. A influência e a contaminação entre todas as linguagens audiovisuais é a marca da arte contemporânea", diz. Na opinião de Solange, a interatividade da internet proporcionou a democratização da arte: "Hoje, a discussão sobre a importância do suporte não faz mais sentido, porque o que em comportamento acabou".

A mostra competitiva vai distribuir seis prêmios, de R\$ 10 mil cada, para as categorias vídeo e novas mídias. O festival conta ainda com palestras, performances, exposições e videoinstalações. Com um custo total de R\$ 1,8 milhão, o VideoBrasil tem patrocínio do Sesc São Paulo, da Fundação holandesa Prince Claus e do Philip Morris.

Apesar dos problemas com os vídeos internacionais, ocasionados pelos atos de terrorismo cometidos em Nova York na terça-feira passada, os organizadores do evento pretendem trazer para o festival os 47 artistas estrangeiros convidados. Na última sexta-feira, chegou a São Paulo o artista inglês Steve Scazza, responsável pela criação do projeto The Central City. Uma www.thecentralcity.co.uk



O site www.thecentralcity.co.uk, de Steve Scazza, que participa da mostra competitiva.



O site www.videoarab.org.br traz dados sobre o festival e apresenta trailers de vídeos que participam da mostra competitiva.

No site, controlado em 3D, o usuário manipula as imagens e os sons durante a navegação. A ideia do projeto, segundo Scazza, é levantar uma analogia à identidade orgânica das cidades. "The Central City é um experimento audiovisual e interativo de arte na

internet", explica Scazza. "O mais interessante é a interatividade, que proporciona diversas possibilidades de navegação." Representante da nova geração que utiliza as ferramentas da internet para realizar seus trabalhos artísticos, Scazza vai comandar um workshop, entre quinta-feira e domín-

go, com a presença de dez participantes. Ao final do curso, será apresentado um site sobre os sons e as imagens da cidade de São Paulo.

Homenagem

Pioneiro da videomúsica no Brasil, o gaúcho Rafael França, morto em 1991, será homenageado pelo festival com uma retrospectiva de arte obras, que abordam assuntos como corpo e identidade. O artista é tema ainda de um documentário áudio, dirigido por Alex Gabassi e produzido por Solange Farkas, que será apresentado durante a abertura do evento. O trabalho faz parte da *Coletânea de Anos*, série de vídeos digitais sobre nomes da arte eletrônica, que no ano passado lançou um filme sobre o trabalho do artista sul-africano William Kentridge.

Entre os destaques do VideoBrasil está o norte-americano Gary Hill, considerado um dos principais artistas da videomúsica. Acompanhado pela cantora marica Paulina Wollenberg-Oliveira, Hill vai apresentar para convidados a inédita *Black Performance*, que mistura música, poesia e vídeo. Para os visitantes do festival, o artista exibe videoinstalações, centradas na temática da comunicação, que marcam várias fases de sua carreira: *Remarks on Color* (1994-1998), *Remembering Paralympic* (2000) e *Wall Piece* (1998), que está em exposição na Bienal de Veneza.

O site www.videoarab.org.br traz informações sobre a programação e os participantes do festival. Além disso, apresenta trailers de vídeos em competição, fórum on-line, sistema de busca e dados sobre festivais anteriores. ■

VideoBrasil
Sesc Pompéia
Rua Celso, 33
De quarta a domingo, das 19h às 23h
Entrada gratuita
Tel.: 3871-7700

TECNOLOGIA ARTE

A internet e o ato de criar sem fronteiras e limites

Livro e festival abordam obras multimídia e as perspectivas da rede mundial de computadores como meio para a produção artística. Por **Renata Saraiva**, de São Paulo

"O Concreto e o Virtual — Mídia, Cultura e Tecnologia"
De Denis de Moraes. C&EA Editora, 148 págs., R\$ 16.

"13ª Videobrasil — Festival Internacional de Arte"
Festival de 19 a 23 de setembro. Exposição até 21 de outubro. No Sesc Pompéia (Rua Orla, 93, São Paulo). Inscrição até o dia 11, pelo site www.decora3.com.br

Foi o português colocar a prova de sua nau pela primeira vez no mar e estava dada a largada para a comunicação sem limites, o encurtamento das distâncias, o mundo globalizado. Mais de 500 anos depois, a web, capaz de distribuir informações por todo o mundo em questão de segundos, é apenas o último estágio tecnológico (qual será o próximo?) dessa tendência, digamos, humana, de viver em rede.

Os efeitos da internet sobre o modo de viver não estão restritos ao fato de um homem, num ponto da rede, ser capaz de comunicar-se com outro, na outra extremidade, instantaneamente. A economia globalizada está refletida na net e por ela é afetada. Tanto é assim que hoje o domínio da internet está na mão de verdadeiros oligopólios e não de empresas apenas grandes, como mostra o livro "O Concreto e o Virtual — Mídia, Cultura e Tecnologia", de Denis de Moraes, a ser lançado no fim do mês.

A cultura, mais que ganhar com as centenas de sites de con-

teúdo que ajudam na difusão de informações, está sofrendo os efeitos das possibilidades que a web lhe fornece como próprio meio para a sua produção, a exemplo da web-literatura (literatura criada na rede) e da web-arte (arte criada na rede).

As possibilidades são tantas que museus americanos como o Whitney Museum of American Art, em Nova York, e o San Francisco Museum of Modern Art, em San Francisco, já têm curadores e diretores preocupados em criar espaços específicos para a apreciação da arte digital — quebrando o princípio do usuário único diante do computador.

Algumas soluções arquitetônicas recomendadas por essas instituições prevêm um ambiente individual com uma bancada de computadores. Outra alternativa é projetar a obra de arte virtual numa parede e, enquanto um visitante dirige o ponteiro e clica, os outros podem ver as interações. Na exposição "Data Dynamics", em cartaz até 10 de junho no Whitney, porém, cinco obras on-line foram desenhadas como instalações para galerias, de forma que acabam tendo um resultado diferente do das versões que podem ser vistas na web (www.whitney.org).

No Brasil, a evidência mais recente de que não é mais possível ignorar a net como meio de produção artística está na nova categoria criada pelo festival Videobrasil, a de Novas Mídias. Ela prevê, para a mostra competitiva da

13ª edição do evento, que será realizada em setembro no Sesc Pompéia, trabalhos feitos em CD-ROM e internet. "Era inevitável que isso ocorresse, pois o festival sempre se preocupa essencialmente com as novas tecnologias", afirma Solange Farkas, coordenadora e diretora do evento, um dos primeiros a revelar os experimentos feitos em vídeo no Brasil, quando criado.

Este ano, além de apresentar trabalhos de jovens artistas que estão sendo selecionados, o Videobrasil vai contar com a participação de Gary Hill, um dos mais prestigiados artistas americanos que usam tecnologia para construir suas obras.

Outra pista sobre as possibilidades da net como meio de criação, só que na literatura, está no livro de Denis de Moraes, "No Brasil ainda é incipiente o uso da internet como meio para a produção da obra em si — nos EUA, na Europa isso está mais desenvolvido —, mas já se vê vários fóruns e chats de discussões", diz o autor. Isso sem falar na possibilidade de navegação em dezenas de bibliotecas eletrônicas gratuitas, que oferecem títulos de Shakespeare, Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda, Miguel de Cervantes e outros. No livro, Moraes também analisa a formação dos oligopólios detentores dos meios de comunicação, atualmente.

Apesar da incipência, no Brasil, da capacidade de produção literária na internet — há exceções,

como as experiências de Miro Prata e João Ubaldo Ribeiro, que escreveram obras, com a participação de outros usuários, na rede —, Moraes ressalta o fato de que no ambiente virtual, com um usuário de competência técnica, o usuário pode atuar, a um só tempo, como autor, editor, distribuidor e leitor.

Isso múltiplas possibilidades também nas artes visuais. "Antes, a relação de público com a obra se dava apenas a partir do bônus olho e cérebro. Agora, o corpo está envolvido, intermediado pela inteligência", diz Eduardo Jesus, do comitê de programação e seleção de Videobrasil.

O artista plástico (ou melhor, web-artista) Gilberto Prado, da mesma comissão, põe em evidência a interação entre obra e público em 1998, quando criou a web-instalação "Depois do Turno Vésper e o Colunismo". Rodeado de web-câmeras, a instalação podia ser vista, em tempo real, por qualquer usuário que entrasse na internet naquele momento. Assim, estava dada não só a possibilidade de ver uma obra de arte situada em um espaço físico distante (e o público visitante), como também sob ângulos diferentes, uma vez que o usuário podia optar pelo ângulo captado por cada uma das câmeras situadas no local.

Prado, que faz experiências artísticas com novas tecnologias desde que se criou o fax, acaba de criar o projeto "Desertsejo", com apoio do Itaú Cultural. Em



Criação em CD-ROM: nova tecnologia rompe o bônus olho e cérebro

um ambiente virtual totalmente tridimensional (interativo), o usuário entra, a princípio, em uma caverna, de cujo teto caem pedras suavemente.

Quando aleatoriamente alguma dessas pedras, navega-se por outros espaços tridimensionais. Um deles, um deserto silencioso, foi criado a partir de vistas que o artista fez a desertos concretos, com o objetivo de reproduzir no mundo virtual as sensações do ambiente. O detalhe do projeto "Desertsejo" é que, ao clicar as pedras de entrada, o usuário pode optar entre ser uma cobra, uma onça ou uma lagarta.

Não se trata de um recurso lúdico. O detalhe é que cada um desses animais tem uma visão do ambiente: a cobra vê tudo junto ao chão, a onça enxerga o que está em um plano intermediário e a lagarta vê as coisas por cima.

O fato de cada um desses personagens, que no mundo virtual se chamam avatares, poder ser um diferente usuário (até 50 pessoas podem entrar ao mesmo tempo no ambiente), provoca uma interatividade sem precedentes. "Esse trabalho tem como objetivo aproveitar os recursos da internet, que normalmente são utilizados para fins práticos, para fazer uma busca do poético", diz Gilberto Prado.

Para Solange Farkas, um dos critérios para a seleção dos web-artistas ou dos criadores na rede, para o Videobrasil, é a capacidade de seus trabalhos camarem um certo estanhamento. "É claro que os recursos tecnológicos são os mesmos que podem ser usados para a produtividade, a comunicação, e as instituições, mas buscamos trabalhos que tenham o que dizer", afirma.

VideoBrasil apresenta panorama da arte eletrônica no mundo

Festival chega à 13ª edição com 135 trabalhos de 15 países

MARCOS PINHO

A arte eletrônica é o assunto da semana. De hoje até domingo se realiza no Sesc Pompéia o 13º Festival VideoBrasil. O evento é uma espécie de vitrine da produção em videoarte mundial. São 135 obras oriundas de 15 países. Do total, 100 no formato vídeo, 19 em CD-ROM e 16 na novíssima categoria webarte.

O festival deste ano tem como tema Fluxos, Fusões e Assimilações. O destaque é o videoartista americano Gary Hill, um dos principais nomes do gê-



NACIONAL: cena do vídeo *Roubada!*, uma das atrações do evento

nero. Ele fará hoje à noite uma apresentação intitulada *Black Performance*, ao lado da mulher, Pauline Wallenberg-Olson. Terá ainda três videoinstalações expostas no festival: *Remembering Paralinguay* (2000), Wall

Piece, que participou da Bienal de Veneza este ano, e *Remarks On Color* (1994 - 1998).

Além dos Estados Unidos, participam do festival países como Bélgica, França, Canadá, Espanha, Grécia, Inglaterra, Méxi-

co e Peru. A apresentação das obras será feita por gente como Paul Willemsen, Hank Bull, Claudia Gianetti, Pierre Bongiovanni. O Brasil está representado por performances e espetáculos híbridos de Alexandre da Cunha, Eder Santos e Luis Duvva, o novo projeto de Lucas Bambozzi e uma homenagem e retrospectiva do gaúcho Rafael França, pioneiro da videoarte no País, morto em 1991.

A 13ª edição do VideoBrasil irá distribuir R\$ 60 mil em prêmios, além de um troféu criado especialmente para o evento pela artista plástica Carmela Gross.

SERVIÇO:

13º VideoBrasil — De hoje até domingo, no Sesc Pompéia (rua Clélia, 93, tel.: 3871-7700).
Informações no site www.videoBrasil.org.br. Grátis.

* APESAR DE INSCRITOS, NENHUM TRABALHO CATARINENSE FOI SELECIONADO PARA O FESTIVAL DE ARTE ELETRÔNICA, QUE VAI MOSTRAR TRABALHOS DE 15 PAÍSES

Em cena, mostra internacional de vídeo

Ausência de trabalhos feitos no estado não denota a realidade da produção que existe hoje em Santa Catarina

Marcos Garcia

A CAPITAL PAULISTA ABRE ESPAÇO PARA A ARTE eletrônica mundial, de 19 a 23 de setembro, durante o 13º Videobrasil, mostra internacional competitiva de vídeo e novas mídias, performances, palestras, discussões, exposições e videointerlações. O Festival Internacional de Arte Eletrônica é organizado pela Associação Cultural Videobrasil e SESC São Paulo, tem a curadoria de Selange Farias, distribui R\$ 40 mil em prêmios e contou com número recorde de inscrições em 2001.

Com representantes audiovisuais de 15 países, grandes expoentes dividem espaço com novos talentos da arte eletrônica. Apesar da inscrição, neste ano, de alguns trabalhos catarinenses, nenhum deles foi selecionado.

Segundo o cineasta Eduardo Patrice, isto não deve ser um critério para se avaliar a produção videovisiva catarinense. Para ele, "os critérios de seleção são subjetivos e não podem ser avaliados". Prova disso é que

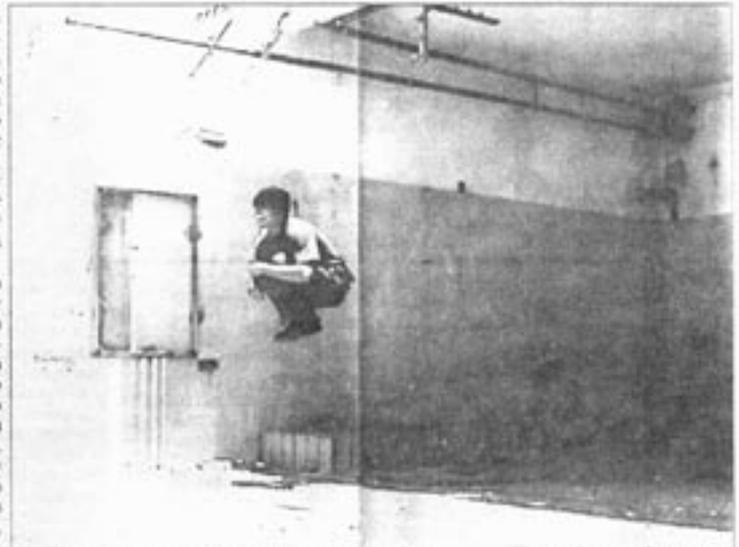
"nos últimos anos tenho uma profusão de projetos usando o vídeo como suporte, a partir da incorporação desta linguagem audiovisual, de trabalhos de artistas plásticos, de alunos do Ceart da UNESC e da nova geração que surgiu a partir do Curso de Cinema e Vídeo da Unival". Ele lembra ainda que em outubro se realiza a terceira edição consecutiva do Catavideo, a mostra de vídeo de Santa Catarina.

O tema deste ano do Videobrasil, a maior mostra de vídeo do país, é Fluxos, Fusões e Assimilações, que, segundo a organização, é "reflexo da recente convergência de plataformas para a criação de novas linguagens e conceitos".

O júri do Festival de São Paulo é composto pela jornalista e curadora brasileira Angélica de Moraes, Claudia Gianetti, diretora e curadora da Media Centre d'Art da Espanha, o pensador José-Carlos Mariategui, do grupo Alta Tecnologia Andina (ATA), Wivrem Front, curador e diretor do Canadá e Priamo Louza, curador e diretor do

Centro de La Imagen do México. Do realizador Gary Hill serão exibidas obras de todas as fases da carreira, além de uma performance inédita chamada Black Performance.

A diversidade étnica e cultural que caracteriza o Videobrasil se estende pela escolha dos curadores da Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Espanha, Grécia, Inglaterra, México e Peru. As performances e espetáculos híbridos ficam por conta de Luis Dava, Alexandre da



Representantes audiovisuais de 15 países dividem espaço com novos talentos da arte eletrônica no 13º Videobrasil



Cunha e Edes Santos (Brasil), German Bohe (Chile) e Marcelo Mercado (Argentina).

Será lançado ainda o projeto de Lucas Bambozzi, além da homenagem a Rafael França, pioneiro em vídeoarte do Brasil, que aborda assuntos como corpo e identidade. Ele também será tema do segundo documentário produzido especialmente para a Coleção dos Autores, projeto iniciado em 2000 com um vídeo sobre o artista sul-africano William Kentridge.

Para quem for até Sampa nestes dias, o 13º Videobrasil tem entrada franca em todos os eventos, que acontecem no SESC Fábrica da Pompéia, Rua Clélia, 93, Pompéia, fone (11) 3871-7777. A exposição fica aberta das 10 às 21 horas, a mostra inicia à tarde e vai até à noite e as performances a partir das 22 horas.

Representantes audiovisuais de 15 países dividem espaço com novos talentos da arte eletrônica no 13º Videobrasil

Filmes interativos em destaque na Internet

Esse é o tema de dois festivais em São Paulo que não receber produção de 40 países

ROBSON PEREIRA

Se você acha que interatividade é pegar o telefone ou o controle remoto e votar no filme que será exibido amanhã pela tevê prepare-se para grandes surpresas. Cinema interativo de verdade está entre os destaques de dois grandes festivais internacionais que transformarão São Paulo em uma espécie de vitrine mundial da arte e da linguagem eletrônica. São pelo menos 125 trabalhos de 40 países diferentes, da África do Sul à Venezuela, em uma relação alfabética, que inclui ainda as presenças inéditas de artistas chineses e holandeses.

O primeiro deles, o Festival Internacional de Linguagem Eletrônica, File, foi aberto na semana passada e ficará em cartaz até o dia 2 no Museu da Imagem e do Som. Já o Videobrasil - Festival Internacional de Arte Eletrônica, em sua décima terceira edição, tem abertura prevista para 19 de setembro, no Sesc Pompéia, mas com programação estendida até o fim de outubro.

O roteiro completo, bem como uma boa radiografia do que está sendo feito mundo afora no campo da interatividade, em particular, ou da chamada webarte, como um todo, estão disponíveis nos endereços www.videobrasil.org.br e www.file.org.br. Entre tantas novidades infindas possibilidades, como o filme *webfilms*. Como sugestão, assista antes ao canadense *Seibonair* ou ao dinamarquês *The Interspers*, ambos no site do File.

Em *Seibonair*, um grande estilo é cenário de vários assassínios. O espectador tem quatro câmeras a sua disposição, cada uma delas com acesso simultâneo às cenas filmadas pelos demais. A qualquer momento é possível deixar por qual delas você pretende ver o filme, mas a trama só será entendida caso a interação das imagens filmadas por cada câmera.

The Interspers tem uma proposta diferente, mas não menos

enigmática - contar uma história a partir dos mais variados pontos de vista, em uma estrutura não-linear, diferente, poética, dupla, que estamos habituados a ver nos cinemas. O roteiro é relativamente simples - uma pessoa invade um apartamento onde vive um casal -, mas surpreende o fato de a trama se modificar a partir da intervenção do espectador, gerando uma chuva de suspense sobre o que "realmente" está acontecendo.

Na Videobrasil, serão apresentados 125 trabalhos selecionados entre os 614 inscritos neste ano, um recorde na história do festival. O tema definido - *Picoon, Pápolis e Acolitubação* - procura refletir a realidade atual de uso cada vez mais intenso de múltiplos plataformas e tecnologias para a criação de novas linguagens e conexões.

Tem filmes interativos também, mas o ponto alto promete ser a homenagem especial que

está sendo preparada para Gary Hill, um dos grandes nomes da arte recente. Em uma mostra paralela serão exibidas algumas das principais obras do artista, incluindo as videoinstalações *Remembering Photography*, *Remembering On Color* e *Wall Piece* - exposta na Bienal de Veneza deste ano. Uma chance imperdível para conferir as principais propostas e tendências da arte eletrônica nestes tempos de realidade de virtual cada vez mais real.



Paulo Henrique/BVDA

DVD e VHS

Em janeiro, a relação entre as vendas de DVDs e de videocassetes era de um para três. Em abril, a mesma relação foi de um para dois. Em junho, ficou pouco acima de dois para três. Os números de julho ainda não foram divulgados pelos fabricantes, mas se esse ritmo for mantido, setembro de 2001 pode entrar para a história como o primeiro mês em que as vendas de DVDs superaram as do velho e bom videocassete.

Com a produção de filmes isso já acontece. No primeiro semestre foram lançados no mercado brasileiro 33 títulos em DVD contra 254 títulos em vídeo, segundo o DVD Video Institute. No mercado mundial, a venda de filmes no formato digital já representa 30% (US\$ 2,7 bilhões) do faturamento dos maiores estúdios cinematográficos de Hollywood. Diante dos 19% relativos às filias em VHS, conforme o Instituto Nacional da Motion Pictures Association of America (www.mpa.org).

'The Sims' III

A Electronic Arts está anunciando a terceira expansão de *The Sims*, o simulador de pessoas lançado em fevereiro do ano passado e que já vendeu mais de 4 milhões de cópias em todo o mundo. *The Sims Hot Date* será o nome em inglês da nova expansão, mas o título da versão em português só será definido após consulta aos usuários brasileiros, entre cinco opções disponíveis no site da Electronic Arts (www.br.ea.com). É a primeira vez que a EA abre espaço para esse tipo de interação. A próxima expansão é feita por aqui com o título *The Sims: Glamour e Vibe* e foi seguida por *'The Sims: Plena sobre a Festa*.

festival de arte eletrônica

VideoBrasil reúne 135 obras de 15 países

A partir da próxima quarta, dia 19, até domingo, dia 23, acontece no Sesc Pompéia a 13ª edição do VideoBrasil, Festival de Arte Eletrônica Internacional.

O evento, cujo tema é "Fluxos, Fusões e Assimilações", destaca alguns nomes importantes na produção de arte em novos meios. O artista gaúcho Rafael França, morto em 1991, será homenageado com uma retrospectiva com sete vídeos e com a apresentação de um documentário inédito na abertura. Mas a grande atração é o americano Gary Hill.

Acompanhado da mulher, a música sueca Pauline Wallenberg-Olsson, Hill apresenta uma performance para convidados na quarta, dia 19. O artista é um dos principais nomes da videoarte, ao lado do também americano Bill Viola e do coreano Nam June Paik.

Para quem não tiver o privilégio de acompanhar a performance ao vivo, três instalações dele estarão em exibição: "Remarks on Color" (1994-1998), "Remembering Paralinguay" (2000) e "Wall Piece" (2000). A última também está na Bienal de Veneza.



Detalhe da videoinstalação "Wall Piece", de Hill

As diferenças em relação à última edição, em 1998, são a redução do espaço (desta vez o evento ocupa apenas o Sesc Pompéia, no anterior o festival estava em mais duas unidades) e, em contrapartida, o maior número de participantes na competição. São 135 obras (eram 70 em 1998) de 15 países: cem em vídeo, 19 em CD-ROM e 16 na nova categoria webarte. **(Tereza Novaes)**

GRÁTIS VIDEOBRASIL www.sescsp.com.br
Sesc Pompéia Jr. Osório, 93, Água Branca, região oeste,
tel. 3071-7766

a rede no Guia

Site apresenta programação e trailers

O site do festival (www.videobrasil.org.br) traz informações sobre a programação, participantes (curadores, artistas etc) e trailers dos vídeos.

Clicando no ícone do festival, no canto direito da home page, abre-se uma janela que apresenta as atrações em forma de diagrama. Apesar de ser um recurso visualmente interessante, ele é pouco funcional. Os textos são de difícil leitura e a navegação não é simples para leigos. As obras em suporte internet não possuem link direto. Uma barra, escondida no alto da home page, é um precioso complemento, com informações sobre os festivais anteriores e um sistema de busca. Outro destaque são os fóruns on line. **(TN)**

Videobrasil consagra-se como a vitrine da arte eletrônica internacional

Baseado no tema Fluxos, Fusões e Assimilações a 13ª edição do renomado Festival Internacional apresenta várias tendências, reunindo ícones e jovens talentos.

Entre 19 e 23 de setembro, a capital paulista abre espaço para a arte eletrônica com a exibição, no SESC Pompéia, do 13º Videobrasil, evento internacional com curadoria de Solange Farkas que, este ano, ocupou o vértice dos festivais com maior número de inscritos. "Vanguardista por tradição", o Videobrasil inova mais uma vez abordando a temática Fluxos, fusões e assimilações, reflexo da crescente convergência de plataformas para a criação de novas linguagens e conceitos. Com produções audiovisuais de 15 países, expoentes e novos talentos da arte eletrônica, o festival ratifica a sua vocação de oferecer ao público a oportunidade de prestigiar obras de qualificados videoartistas.

Durante a semana do Videobrasil, uma mostra competitiva (de vídeo e novas mídias), performances, palestras, discussões com artistas renomados, exposições e videoinstalações compõem um completo panorama da videoarte internacional. Para eger os melhores trabalhos da mostra, o júri do festival reunirá Angélica de Moraes, jornalista e curadora brasileira, Claudia Gianetti, curadora e diretora do Media Centre d'Art (Espanha), José-Carlos Mariategui (Peru), diretor do grupo Alta Tecnologia Andina ATA - , Hank Bull, curador e diretor do centro Western Front (Canadá) e Priamo Lozada, curador e diretor do Centro de la Imagen (México).

No epicentro do festival estará Gary Hill, ícone da videoarte que será prestigiado com a exibição de obras de todas as fases de sua carreira seguida de uma performance inédita. Intitulada "Black Performance", a apresentação será acompanhada por Paulina Wallenberg-Olsson. O Videobrasil também dedica ao artista as videoinstalações Remembering Paralinguay, de 2000, Wall Piece - obra

de 1998 exposta na Bienal de Veneza deste ano - e Remarks On Color, 1994-1998, todas centradas na voz e na comunicação. A diversidade étnica e cultural que caracteriza o Videobrasil também se estende às suas curadorias internacionais, compostas por representantes da Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Espanha, Grécia, Inglaterra, México e Peru. A apresentação da vasta galeria de obras será realizada por Paul Willemsen (Argos, Bélgica), Hank Bull (Canadá), Claudia Gianetti (Espanha), Gabrielle Soucheyre (Videoformes, França), Pierre Bongiovanni (Centre International de Création Vidéo, França), Dodô Santhoríneo (Centre D'Art Multimedia de Atenas, Grécia), Michael Maziere (curador independente radicado na Inglaterra), Priamo Lozada, José-Carlos Mariategui (Peru, homenageando o poeta italiano Gianni Toti) e Lynne Cooke (Dia Center for the Arts, Estados Unidos). Além disso, o fluxo de informações do festival continua com as ricas performances e espetáculos híbridos de Alexandre da Cunha e Eder Santos (Brasil), German Bobe (Chile), Luis Duva (Brasil) e Marcello Mercado (Argentina), além do aguardado lançamento do projeto de Lucas Bambozzi (Brasil), da homenagem e retrospectiva da obra de Rafael França, pioneiro da videoarte no Brasil que aborda assuntos como corpo e identidade. O artista e seu trabalho também serão o tema do segundo documentário produzido especialmente para a "Coleção de Autores", projeto que teve início em 2000 com um vídeo sobre o artista sul-africano William Kentridge. Este ano, o festival distribuirá R\$ 60 mil em prêmios e um troféu criado especialmente pela artista plástica Carmela Gross.

Serviço

Videobrasil
Festival Internacional de Arte Eletrônica
De 19 a 23 de setembro no SESC Pompéia (São Paulo)

Festival de arte eletrônica Videobrasil começa nesta quarta

Da Redação
Em São Paulo

Divulgação



Videoinstalação "Lovehotel", de Linda Wallace

Começa nesta quarta-feira (19), em São Paulo, a 13ª edição do Videobrasil, festival que reúne ícones e jovens talentos da arte eletrônica internacional, no Sesc Pompéia. Além da mostra competitiva, o Videobrasil terá performances, palestras, discussões com artistas, exposições e videoinstalações.

Entre os destaques do festival, está uma mostra dos trabalhos de Gary Hill, ícone da videoarte que será prestigiado com a exibição de obras de todas as fases de sua carreira seguida de uma performance inédita. Intitulada "Black Performance".

O Videobrasil também dedica ao artista as videoinstalações Remembering Paralinguay, de 2000, "Wall Piece" (foto) - obra de 1998 exposta na Bienal de Veneza deste ano - e Remarks On Color, 1994 - 1998, todas centradas na voz e na comunicação.



Com curadoria de Solange Farkas, o festival aborda a temática "Fluxos, fusões e assimilações", reflexo da crescente convergência de plataformas para a criação de novas linguagens e conceitos. Com produções audiovisuais de 15 países, o festival distribuirá R\$ 60 mil em prêmios e um troféu criado especialmente pela artista plástica Carmela Gross.

Para eger os melhores trabalhos da mostra, o júri do festival reunirá Angélica de Moraes, jornalista e curadora brasileira,

Claudia Gianetti, curadora e diretora do Media Centre d'Art (Espanha), José-Carlos Mariategui (Peru), diretor do grupo Alta Tecnologia Andina - ATA - , Hank Bull, curador e diretor do centro Western Front (Canadá) e Priamo Lozada, curador e diretor do Centro de la Imagen (México).

A diversidade étnica e cultural que caracteriza o Videobrasil também se estende às suas curadorias internacionais, compostas por representantes da Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Espanha, Grécia, Inglaterra, México e Peru. A apresentação da vasta galeria de obras será realizada por Paul Willemsen (Argos, Bélgica), Hank Bull (Canadá), Claudia Gianetti (Espanha), Gabrielle Soucheyre (Videoformes, França), Pierre Bongiovanni (Centre International de Création Vidéo, França), Dodô Santhoríneo (Centre D'Art Multimedia de Atenas, Grécia), Michael Maziere (curador independente radicado na Inglaterra), Priamo Lozada, José-Carlos Mariategui (Peru, homenageando o poeta italiano Gianni Toti) e Lynne Cooke (Dia Center for the Arts, Estados Unidos).

Além disso, o fluxo de informações do festival continua com performances e espetáculos híbridos de Alexandre da Cunha e Eder Santos (Brasil), German Bobe (Chile), Luis Duva (Brasil) e Marcello Mercado (Argentina), além do aguardado lançamento do projeto de Lucas Bambozzi (Brasil), da homenagem e retrospectiva da obra de Rafael França, pioneiro da videoarte no Brasil que aborda assuntos como corpo e identidade. O artista e seu trabalho também serão o tema do segundo documentário produzido especialmente para a "Coleção de Autores", projeto que teve início em 2000 com um vídeo sobre o artista sul-africano William Kentridge.

Fusão de mídias na arena do Videobrasil

'Fluxos, Fusões e Assimilações', tema do 13.ª edição do festival, reúne trabalhos de artistas de vários países em vídeo, CD-ROM e Web Art. O evento começa hoje no Sesc Pompéia

Depois de uma pausa estratégica de um ano, começa hoje, no Sesc Pompéia, o 13.º Videobrasil - Festival de Arte Eletrônica Internacional, maior evento da área da América Latina. Apesar de ser bilingue, o último festival aconteceu em 1998.

"Damos uma parada para repensar nossos critérios porque essa é uma área que muda muito rápido", explica Solange Farias, organizadora e curadora da mostra, desde 1983, quando aconteceu a primeira.

O tema sagrado para a competição deste ano é 'Fluxos, Fusões e Assimilações', que suscita uma discussão sobre como a união de tecnologias, como vídeo e Internet, por exemplo, está criando novas linguagens e conceitos. "A fusão entre as mídias é um ponto que está em destaque na arte contemporânea", diz Solange.

Mas, apesar de o tema parecer complexo, a curadora garante que os trabalhos estão mais bem harmonizados e não tão existencialistas, como no passado. Os problemas político-sociais aparecem com força nas obras de vários artistas, principalmente daqueles que vivem em países de regimes totalitários.

'Arts, Don't Say Fuck', vídeo do chinês Zhao Liang, traz à tona questões políticas de seu País. Já a libanesa Rania Stephan trata do questionário da repressão contra a mulher em 'Trão Trão'. "Os melhores trabalhos, você consegue fazer uma vitrine do que está acontecendo no mundo", diz Solange.

Pela primeira vez, a mostra competitiva é dividida entre vídeo e novas mídias, que inclui CD-ROM e Web Art. Antes só havia videocassete. Este ano houve 64 inscrições de vários países e

destes 136 foram selecionados para a competição - 100 vídeos e 36 de novas mídias.

Entre os vídeos selecionados estão 'Tango stalker', de Carlos Magno, e '56', de Conrado Almeida, ambos mineiros; 'At The Dark', do israelense Avi Megrabi, e 'La Penumbra', do mexicano Martín Mucha, Goventis, de Marcelo Garcia, e 'Verde', de Marcos Farinha. Serão distribuídos seis prêmios de R\$ 10 mil para os três melhores vídeos e para os três melhores trabalhos de novas mídias.

Arte multimídia

"Nosso objetivo é revelar videomúsicos que estejam fora do circuito Europa, Estados Unidos, Japão", afirma Solange. A restrição não cabe para a área de novas mídias, que de tão nova precisa de referências vindas de outros países.

Há várias produções dos Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, entre outros. Mas os brasileiros, que também já descobriram a receita da arte multimídia, estão bem representados. Entre eles, Juraciir Müller e Kiko Goffman, com a web art 'Morir Denis', Mônica Valtzman, com o CD-ROM 'A Gomenon Anacraf Strayger', e Célia Candeia, com o CD 'Jão É Arte'.

A partir desta edição o processo de trabalho de alguns artistas



NOS QUATRO MINUTOS de seu vídeo '56', o mineiro Conrado Almeida narra a trajetória de um jovem ao interior de seu ego

fará parte da mostra, para facilitar a compreensão do público. Os escolhidos foram o brasileiro Lucas Ramboski - premiado no último Carlton Arts - e o chileno German Bobe, que faz uma espécie de cinema interativo.

O americano Gary Hill, um dos maiores nomes da arte eletrônica internacional, será homenageado com a exibição de obras de várias fases de sua carreira. Neste sábado, ele fará uma

apresentação no Paço das Artes sobre seu trabalho, com a participação de Paulina Wallenberg-Olsson, curadora-chefe do DIA Center for The Arts, de Nova York.

O gaúcho Rádial França, pioneiro no assunto no Brasil - que morreu de Aids em 1991, aos 34 anos - ganha um documentário. Haverá também performances e lançamentos de CDs e livros.

O festival foi criado em 1983, pela Fotopica, para estimular a criação de vídeos, servir de termômetro, formar público, crítica emersada para a área. "Eles tinham parado de patrocinar o Festival de Super8, que já estava ficando obsoleto, e procuravam uma nova tecnologia para incentivar, o vídeo era perfeito", lembra Solange, que foi convidada para comandar a empreitada. O vídeo e a câmera portátil estavam chegando ao Brasil na época, e como custavam pouco foram rapidamente assimilados pelos centros de mídia e escolas.

Em 1989, Solange percebeu que os trabalhos dos brasileiros estavam esfraseados e resolveu internacionalizar o festival. "O difícil foi convencer as pessoas dos circuitos internacionais que seria interessante vir aqui para o Brasil."

Participar do júri da mostra competitiva: Argélia de Moraes, jornalista e curadora brasileira; Claudia Gianetti, curadora e diretora do Media Centre D'Art (Espanha); José Carlos Murtegui, diretor do grupo Alta Tecnologia Andino (Peru); Priante Lozada, curador e diretor do Centro de la Imagen (México).

Quem quiser conhecer a coleção de vídeos da Associação Cultural Videobrasil pode fazê-lo no Paço das Artes (Av. da Universidade, n.º 1, Cidade Universitária), mas é preciso marcar dia e horário, pelo telefone 3814-4832.

Fernanda Nogueira

13.º Videobrasil - de hoje a domingo. Sesc Pompéia (R. Cláudio, 93, tel.: 3871-7700). Entrada franca.



'Gestamba', de Marcelo Garcia

Destques da mostra

8h30

18 h - Abertura Oficial do Festival, com lançamento do documentário 'Rádial França, Obra com Testamento', e exibição de vídeos da mostra competitiva.

21h30 - Performance 'The Black Performances', de Gary Hill e Paulina Wallenberg-Olsson.

Amanhã

18h30 - Exibição de vídeos da mostra competitiva.

19h30 - Lançamento do CD Interativo 'Paulo Santos, Música para Performances de Eder Santos'.

Die 21

11 h - Encontro com artistas da mostra competitiva.

19h30 - Lançamento do livro 'História do Não-Voz', de Cao Guimarães.

Die 22

17h30 - Apresentação 'Not Art', do francês Pierre Bangovanni.

20h30 - Exibição de vídeos da mostra competitiva.

Die 23

14 h - Palestra sobre o projeto de construir um centro de arte, ciência e tecnologia de mídia na cidade anelada de Curitiba.

20h30 - Entrega de prêmios.

Todos os dias

Das 10 h às 20 h - Mostra Competitiva de Novas Mídias.

O artista americano Gary Hill volta a São Paulo em setembro para o 13º Videobrasil

Nas ondas da videoarte



Cena de "Wall Piece", de Gary Hill, exposta na Bienal de Veneza e que fará parte do 13º Videobrasil; na obra, o artista, um dos mais importantes de sua geração, atira-se contra a parede

"Wall Piece", videoinstalação em cartaz na "Plataforma da Humanidade", na Bienal de Veneza, vem para o festival

FABIO CYPRIANO

DA REPORTEAGEM LOCAL

O videocartista Gary Hill chega ao Brasil em setembro para participar do 13º Videobrasil. Além do equipamento técnico, traz na bagagem também uma prancha de surf. "Mas posso esperar para mergulhar nas águas brasileiras", conta à Folha, mesma entrevista feita pela internet. Aos 50 anos, Hill diz que "quer cada vez mais aproveitar a vida".

O artista vem com sua mulher, a cantora sueca Pauline Wollenberg-Olsson, com quem fez uma performance durante o festival. Ela é a sua atual musa.

Reconhecido como um dos artistas mais importantes de sua geração, junto com Bill Viola e Nam June Paik, Hill é um dos papais da videoarte, apesar de não gostar do termo. Leia a seguir o porquê.

★

Folha - Quais obras você vai trazer ao Brasil?

Gary Hill - Eu vou mostrar três instalações: "Remarks on Color", "Remembrance: Paralinguist" e "Wall Piece". Todas, em formas diversas, estão centradas na voz e na comunicação. Irei fazer também uma performance em conjunto com Pauline Wollenberg-Olsson intitulada "Black Performance". O trabalho incorpora voz, vídeo ao vivo e gravado, efeitos sonoros e uma iluminação com efeitos especiais. Acho que não quase não menos vídeos, são apenas imagens e projeções que saíram a performance de fato. Ela é o resultado do diálogo entre presença e ausência.

Folha - As obras, sem trabalhos posteros, são ritmos desconhecidos, bastante diferente de "Wall Piece", exposto em Veneza, uma obra bastante visualista...

Hill - Eu tendo a crer que meus trabalhos são bastante perturbadores, independentemente do ritmo. Claro que "Wall Piece" é muito mais forte, mas apenas quando alguém permanecer na sala de exibição por um tempo e ouvir o texto falado é que terá oportunidade de desfrutá-lo de fato.

Folha - A videoarte se tornou uma moda entre jovens artistas, não é?

Hill - É incrível quanto "videante" (parafrazando o termo usado em termos) estava na Bienal de Veneza este ano. E, é verdade, a maioria deles deixa muito a desejar. Parece que existe uma tendência em mostrar trabalhos com a

impressão de da imagem em movimento, como se não legitimasse qualquer trabalho, incluindo a produção é, em geral, muito narrativa sem graça e trabalhos sem nenhum desafio.

Folha - Sua relação com tecnologia é uma forma de tratar de questões humanas e não de celebrar a própria tecnologia. Estamos perdendo o contato com os sentidos?

Hill - Estamos chegando a um espécie de estágio, no qual o tempo e o mundo "analógico" estão sendo desafiados por diversos ângulos, incluindo cinema, experimentos genéticos, realidade virtual, inteligência artificial etc.

Contudo, quando a maior parte de nós é forçada a se voltar, seja um livro ou um computador,

gostamos do contato físico, de fazer parte da máquina humana. Daí eu acho muito que a disseminação das notícias em um dia chegar a um superestado digitalizado.

Folha - Você acha televidente? Ou considero um seu trabalho?

Hill - Em geral, vejo à noite algum trabalho para relaxar. A TV não contribui em meu trabalho, exceto quando faço algo como sessão a ela. Por exemplo, o momento de imagens e a velocidade com que se tornam forma na televisão poderiam ter a ver com minha tentativa de desorganizar as imagens e mudar a ordem das palavras com o tempo.

→ LER MAIS sobre o 13º Videobrasil clique aqui

VIDEOBRASIL Em setembro, com vídeos e 35 obras em novas mídias concorrem na 13ª edição do evento

Festival sedimenta relação entre vídeo e arte

DA REPORTEAGEM LOCAL

A estrela do evento é Gary Hill, mas na competição da 13ª edição do Videobrasil Festival Internacional de Arte Eletrônica estão também alguns dos mais importantes videocartistas de várias partes do globo. "Esta é a edição mais vigorosa nos 17 anos do festival, ela representa o casamento definitivo com as artes plásticas", afirma Solange Farkas, a curadora do evento.

Um exemplo é o Brasil: diversos artistas plásticos, que em geral trabalham com outros suportes, apresentam obras em vídeo. É o caso das mineiras Rivane Neuenschwander, que em geral trabalha com instalações, e Rosângela Rennó, com uma obra mais voltada à fotografia.

Entre os destaques internacionais do festival, estão o sul-africano Clive van den Berg, o argentino Luis Valdivino e a australiana Linda Wallace. Em vídeo, concor-

rem artistas de 26 países.

"Pela primeira vez, apresentamos obras de países como China, Peru e Hungria, o que representa a popularização do meio", diz Farkas.

O festival, também pela primeira vez, apresenta ainda obras em novas mídias, como webart e CD-ROM. Concorrem à premiação nessa área 35 obras de 14 países, enquanto em vídeo são cem trabalhos que disputam o novo troféu, criado pela artista plástica Carmela Gross.

Para a próxima edição do Videobrasil, já foi decidido que ambas as áreas estarão na mesma categoria. "Não tem mais sentido a divisão. Com a influência das novas tecnologias e a entrada de novas ferramentas, está cada vez mais difícil a categorização", explica a curadora.

A organização do festival comemorou um aumento de 61% nos inscritos em relação ao ano anterior. "O sucesso no número de

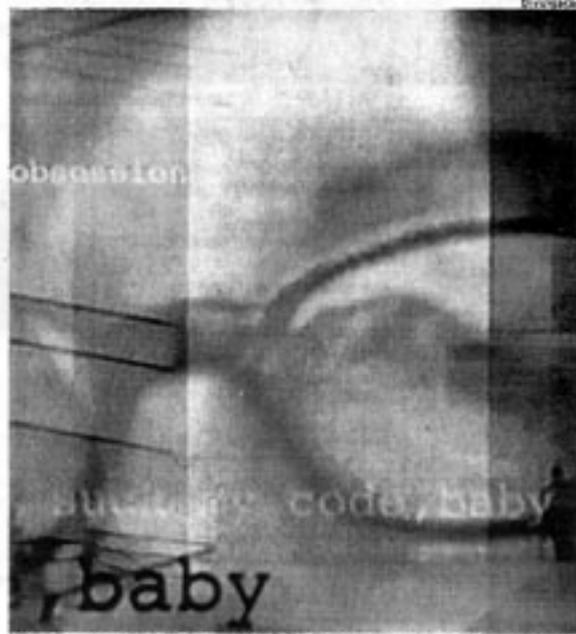
inscrições se reflete no aumento da qualidade dos trabalhos selecionados", conta Farkas.

No total, foram inscritos 644 trabalhos (488 em vídeo e 156 em novas mídias). O Brasil liderou o número de inscrições com 275 trabalhos, seguido pelo México, com 46, e pelo Peru, com 40.

O Videobrasil terá início em 19 de setembro no Sesc Pompéia com uma performance de Gary Hill. "Ele vem como uma referência importante, assim como já trouxemos o Bill Viola e Nam June Paik. É uma forma de trazer informação ao Brasil", diz Farkas.

A mostra competitiva, palestras e performances acontecem até o dia 23. Entretanto até 21 de outubro uma mostra continuará em cartaz, e o Paço das Artes, na USP, também está no circuito de exposição do evento. Mais informações e a lista completa dos trabalhos e obras selecionados estão no site www.videobrasil.org.br.

(FABIO CYPRIANO)



"Lovehotel", da australiana Linda Wallace, que está no festival

Videobrasil amplia participações

Próxima edição do festival trará trabalhos também da China, Hungria e de Portugal

ELIENAGUEIRO

A 13ª edição do Videobrasil abriu sua coleção, mas já conserva recordes e traz novidades. Entre eles, o número de inscrições. Foram 644 trabalhos, sendo 488 vídeos de 20 países. Nesta edição, os trabalhos inscritos na categoria Novas Mídias (156 obras de 24 países, 40 em CD-ROM e 57 Web Art) também ganharam atenção especial.

Maior evento de arte eletrônica da América Latina, o festival contou com a ajuda da comissão de programação e seleção para avaliar e selecionar 36 obras em nove trilhas, de 15 países, sendo 14 em DVD e 17 em webart. "Hoje um aumento de 61% de inscrições em relação ao ano anterior. Esse sucesso reflete diretamente o aumento da qualidade dos trabalhos selecionados", comenta Solange Parkas, diretora da Associação Cultural Videobrasil e curadora do Festival. Além de Solange, o videocurador Eduardo de Jesus, curadora multimídia Gilberto Prado e os designers Rafael Loin e Ângela Detanico também escolheram 99 trabalhos em vídeo de 13 países, totalizando 134 trabalhos selecionados.

A comissão considerou, entre outros aspectos, trabalhos que valorizam a experimentação com a imagem, a narrativa, com a articulação da imagem e do som. Entre os videomakers selecionados, estão profissionais como os brasileiros Rosângela Frazão com *Vem Cruz*, e Lucas Bomboni com *Eu sou Passa Insignificante*, o argentino Luis Valdivino com *Standard*; o australiano Anna Davis com *By The Way* e o sul-africano Malcolm Payne com *15 March 2001*. "Apesar de o alcance da informação mundial ser cada vez mais instantâneo e amplo, observamos em vários traba-



"Renommas conceitas", diz Solange Parkas



Integração entre mídias amplia surgimento de novo meio e novas linguagens



Entre os 134 selecionados, está o videomaker Lucas Bomboni



A brasileira Rosângela Frazão participa com o vídeo "Vem Cruz"

lhos temas recorrentes, como corpo, identidade, memória e questões político-sociais específicas", comenta Solange.

Para realizar um panorama da produção audiovisual do mundo, o 13.º Videobrasil Festival Internacional de Arte Eletrônica distribuirá R\$ 60 mil em prêmios neste ano e trará também pela primeira vez trabalhos da China, Portugal e Hun-

gria. "Recebemos também uma grande quantidade de obras do Peru, México e Argentina."

As novas mídias surpreenderam pela diversidade e qualidade, que acabaram traçando um panorama desta produção específica e possibilitaram a discussão sobre linguagens híbridas, explorando a possibilidade do surgimento de um novo meio e uma nova linguagem.

"O fluxo e a fusão entre linguagens e conceitos são questões que colocam a produção audiovisual contemporânea de forma cada vez mais explícita, respondendo, assim, as fronteiras de classificações e categorias vigentes. Videarte, arte em CD-ROM, arte para Internet ou na Internet se misturam e se fundem, criando novas conexões e renovando as linguagens e conceitos", diz Solange.

O festival, que será realizado de 19 a 23 de setembro no Sesc Pompeia, vai exibir mostras competitivas (vídeo e novas mídias), performances, palestras e encontros com artistas convidados. As atividades das exposições, vídeos, centro de mídia e livraria vão até 21 de outubro. Neste ano, o Paço das Artes também será incluído no circuito de exibição.

Festival do Minuto anuncia novidades

Entre elas, a instituição de prêmio para vídeo com menos de 30 segundos

Os concorrentes do 9.º Festival do Minuto têm até 31 de agosto para se inscrever. Além de neste ano o tema ser livre, os vídeos, filmes e as animações (que devem ter até um minuto) podem ter seus finais diferentes. As obras para a tradicional categoria vídeo deverão ser enviadas em fita VHS via correio para a sede do Festival. Os concorrentes da categoria vídeo-Internet, criada no ano passado, deverão apresentar trabalhos feitos exclusivamente para rede internacional, concebidos para a rede em toda página e enviados nos formatos real vídeo e flash.

Criado e organizado pelo cineasta Marcelo Masagão, o evento deste ano distribuirá R\$ 25 mil e também um prêmio especial para o melhor vídeo com menos de 30 segundos. No ano passado, o festival recebeu mais de 600 inscrições, sendo selecionados 43 vídeos, 14 deles estrangeiros. Na Vila de Una Bonaventura Cristo Pedras Acosturas, do Flávio Meirelles, e a Fibra da mexicana Aguiada do Rio Bonafé, de Lorenza Marique, foram os vencedores nas categorias melhor vídeo e nacional e internacional, respectivamente. Os selecionados para a categoria vídeo serão exibidos no Directv no mesmo dia do festival, a ser realizado de 6 a 13 de dezembro. Mais informações podem ser obtidas no site www.uol.com.br/minuto (P.G.)

Animação recifense vai ao Videobrasil

Trans-Postes é único representante pernambucano em festival, que vai de hoje ao dia 23, em São Paulo

Luziana Terra

REPORTAGEM

Uma indústria de postes. Uma indústria onde não existe conflito e tudo passa por fios de alta tensão. Mito utópico de um artista pluriar no discurso desconstruído de algum visionário? Nenhuma das duas. Também existe e está indo para São Paulo como único representante pernambucano do DP Videobrasil, que começa hoje e vai até o dia 23 no MASP da capital paulista. É uma animação eletrônica que marca a estreia do designer Daniel Lopes como cineasta, produtor e diretor.

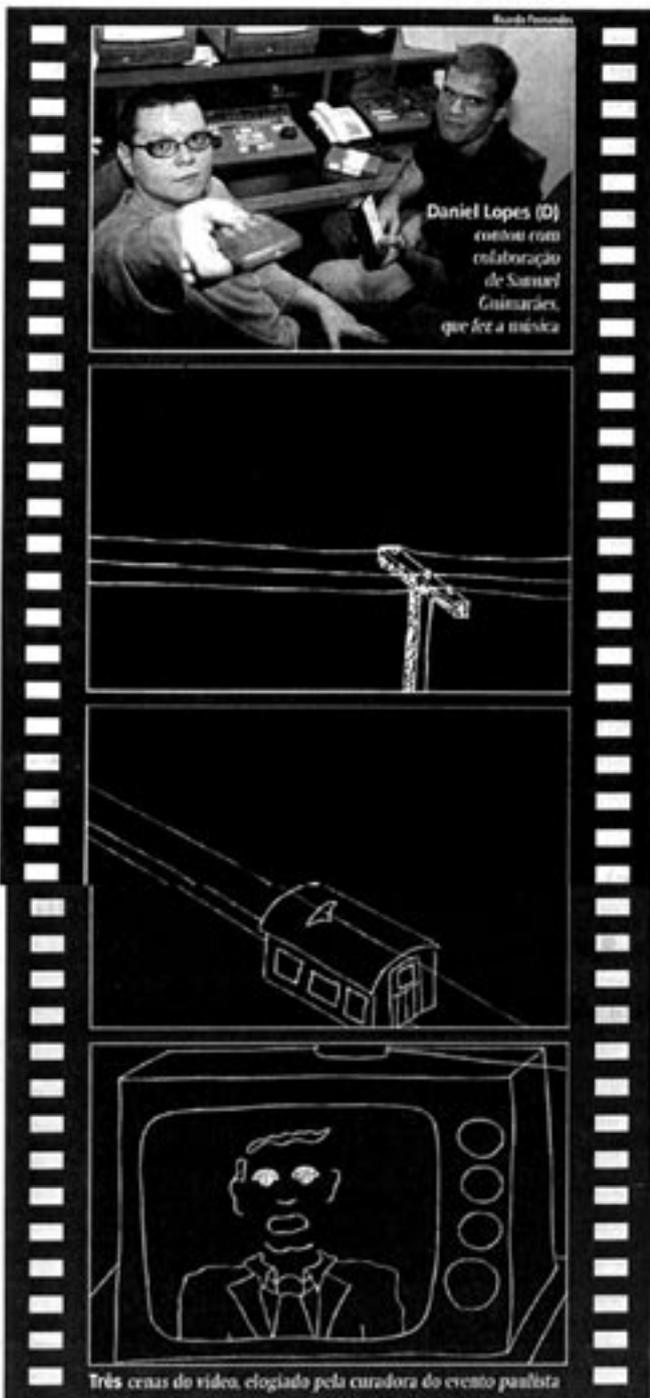
Elaborar um acumular as três principais funções de um filme? Sem pensar. Após descartar a possibilidade de trabalhar com película "por falta de grana", Daniel se viu com uma única saída: desenvolver todos os 1.600 quadros a mão, nas fatídicas horas em que estava de férias de trabalho em um aula no curso de Programação Visual da UFPE. Trabalhava com lápis comum sobre papel ofício para depois cobrir os desenhos com nanquim. Nesse ritmo, levou quase um ano para terminar. "Não tinha tempo. Pensou até em desistir", conta.

Aí que deu um relance e ele passou em mostrar o projeto para os donos da Oficina de Imagens, onde atua na área de pós-produção e composição gráfica. Alguns dias de estudo bastaram para encantar todos os desenhos e tratá-los no computador. A oficina se deu com o auxílio do Igar (Igar, programa específico para animações). Depois de pronto, a descoberta não a via algo, uma som, uma trilha. E foi aí que Samuel Guimarães, o Moco, entrou na jogada. Micois e adepto do trabalho com mouse de modelar, ele se responsabilizou pela sonorização. "Videô é um ramo apaixonado a representatividade do trabalho. Quando ficou pronto, parecia que Daniel estava sendo um filho pequeno, ele babando e eu como pai", diz ele.

Com a fita na mão, a dupla decidiu se inscrever no Animafestival, um dos mais prestigiados e concorridos festivais do gênero, realizado em julho no Rio de Janeiro. "Não achava que ia ser selecionado", lembra o diretor. Mas foi e junto com Trans-Postes participou também Funelôbia, animação de 1 minuto de autoria por Mico. A inscrição para o DP Videobrasil chegou por acaso, através de Marcos Henrique Lopes, irmão de Daniel e autor do curta A Competição de Hiss. Outra surpresa ao saber que a via expressa onde só correu postes estava incluída no festival. Para Mico e Daniel, o clima é de "já participo, já ganho".

NÚMEROS - Em entrevista por e-mail, a jornalista Solange Farkas, curadora do festival, diz que foram inscritas 644 obras (81% a mais que na edição anterior), das quais 125 foram selecionadas. A programação é composta pela Mostra Competitiva (todas as obras) e por programas paralelos que contemplam vídeos especiais. "Um pouco da parte histórica; um pouco da trajetória das artes visuais, com a tentativa de demarcar os acalorados aprendendo qual diferença entre a manifestação de arte moderna e contemporânea, um pouco da questão técnica (workshop fundamentalmente o acesso à informação através via home page, palestras)", detalha a curadora.

É também, onde se encontra? No âmbito de seleção das obras, nós consideramos, entre outras coisas, os trabalhos que apresentaram experimentações com a imagem, com narrativa, com a articulação da imagem e do som. Trans-Postes entrou imediatamente a estes requisitos", aponta Farkas. Com isso, podem esperar a chegada por postais e por o lançamento no Recife.



Três cenas do vídeo, elogiado pela curadora do evento paulista

ENTREVISTA | Solange Farkas

DIÁRIO DE PERNAMBUCO - O que há de novo no DP Videobrasil?

Solange Farkas - A diversidade das obras apresentadas e a própria estrutura de apresentações montada pelo festival para encantar esta nova realidade. O surgimento de plataformas digitais de edição e de captação de imagens repositórias as produções e democratizaram ainda mais o ambiente da imagem eletrônica, trazendo uma nova geração de jovens realizadores e mudando o ambiente do festival.

DP - Como se dá o julgamento e a premiação?

Farkas - Um júri composto por especialistas internacionais (Brasil, México, Peru, Espanha e Canadá) assiste aos trabalhos junto com o público e, ao final da primeira semana do festival, atribuirá 3 prêmios em dinheiro (R\$ 10.000,00) e o Prêmio Videobrasil, criado pela artista Carmela Costa, para cada uma das categorias: vídeo e novas mídias.

DP - De que forma as curadoras internacionais atuam no festival?

Farkas - Atuam como produtoras de informações que estão acontecendo de mais recente na arte eletrônica nos países considerados de Primeiro Mundo. São críticas e artistas dos principais centros de mídia que, a convite do festival, se encorajam a escrever as obras recentes de artistas destacados em seus países e com ilustrar um panorama mundial da arte eletrônica.

DP - Você considera a arte eletrônica ainda desconhecida no País?

Farkas - A arte eletrônica, grande estilo da contemporaneidade, ocorre no âmbito da urbanidade, haja vista que é da cidade e da metrópole que emanam as forças que impulsionam a produção artística atual. Mas outro aspecto interessante deste processo é a questão da globalização aproximando as pessoas, encurtando as distâncias e consequentemente disseminando esta questão para

todos de determinados eixos urbanos. Neste sentido, acho que a arte eletrônica no Brasil hoje, diferente do que ocorreu na última edição do Videobrasil (1998), está passando por um processo de popularização, fazendo parte da vida das pessoas, isto pode ser aliado, por exemplo, na enorme quantidade de trabalhos inscritos fora do eixo Rio/São Paulo.

DP - O que poderia ser feito, além de leituras como esta, para torná-la ainda mais popular?

Farkas - A existência de eventos e ações como estas desenvolvidas pelo Videobrasil e a abertura de espaço para estas expressões de contemporaneidade vão naturalmente transformar esta realidade pública em uma arte eletrônica, como aconteceu nos países desenvolvidos nas últimas duas décadas.

DP - Você também comanda a Associação Cultural Videobrasil. E como trabalha com o DP? Quanto são os trabalhos pernambucanos do evento?

Farkas - O trabalho da Associação Cultural Videobrasil, o, de certa forma, uma extensão, uma continuidade do projeto do festival, numa escala que transcende o caráter de efemeridade de um evento. Ou seja, proporcionar aos artistas que trabalham com o suporte eletrônico/digital algumas facilidades fundamentais para o desenvolvimento do meio, como o acesso a eventos internacionais através da criação das suas obras em festivais e mostra ao redor do mundo, bem como um espaço que permite uma circulação dentro trabalhos pelo mercado cultural maior deste tipo de trabalho.

Quanto à presença de trabalhos pernambucanos em todo o mundo, temos o orgulho de ter à disposição do público e pesquisadores em geral uma compilação dos principais trabalhos produzidos pela produtora TV VBN de Olinda, são trabalhos que participaram das primeiras edições do festival assim como de todos os artistas pernambucanos que durante estes anos têm participado do festival.

VIDEOBRASIL

Em contagem regressiva

EZA GALBO

Q uem tem canal de TV por assinatura poderá acompanhar, no período de 19 a 23 deste mês, o 13º Videobrasil. O tema desta edição do Festival de Arte Eletrônica Internacional, que vai rolar no Sesc Pompéia em São Paulo, é Fluxos, Fluxões e Assimilações. Apoiam o evento, dentre outros, a MTV, TV Cultura, STV, Telemeia e Net Visual.

Desta edição, constam produções audiovisuais de 15 países. Dos 644 trabalhos inscritos, serão exibidos 135 obras. Com destaque em vídeo, 19 em CD-Rom e 26 em website. O tema busca refletir a crescente convergência de plataformas para criação de novos linguagens e conceitos impressos nos ecrãs.

O festival realinha a vocação de oferecer ao público a oportunidade de prestigiar obras de videomakers renomados. Durante a semana, será feita, ainda, uma mostra competitiva de vídeos e novas mídias. Haverá, também, palestras, performances, exposições e videoinstalações.

A programação será aberta na quarta-feira, logo após o lançamento oficial do evento, mais precisamente às 18 horas, quando o telespectador poderá assistir ao documentário Rafael França. Este trabalho conta a trajetória do videomaker com depoimentos e trechos de suas obras, abordando assuntos como corpo e identidade. Este mesmo artista é tema do segundo documentário produzido especialmente para a Coleção de Autores. Em seguida, será apresentada a primeira parte da mostra competitiva de vídeos. Serão distribuídas, este ano, R\$ 10 mil em prêmios e o troféu criado pelo artista Camela Gross. Gary Hill, ícone da videarte, é o grande homenageado do festival.

ABERTURA DO VIDEOBRASIL HOMENAGEIA RAFAEL FRANÇA, PIONEIRO DA VIDEOARTE

IMAGENS DE UMA VIDA

GRACIE SANTOS

De São Paulo

A vedete nacional da noite desta quarta-feira, em São Paulo, na 13ª edição do Festival Internacional de Arte Digital - Videobrasil - foi Rafael França. E a escolha não poderia ser melhor, afinal o videoartista gaúcho que aos 19 anos de idade mudou-se para São Paulo para trabalhar com a artista plástica Regina Silveira, melhor que ninguém trafegou pelas várias linguagens e possibilidades da arte. Começou realizando litografias, nos anos 70. No início - e meados - da década seguinte, passou a fazer suas intervenções urbanas, para logo depois, já em Chicago (EUA), enveredar-se pelo mundo do vídeo.

Para homenagear o videoartista que o Brasil perdeu precocemente - ele morreu em 1991, aos 35 anos de idade, vítima de aids -, o Videobrasil fez sua abertura oficial, no Sesc Pompéia - onde continua até domingo -, com o lançamento do documentário *Rafael França, Obra como Testamento*, com direção de Alex Gabassi e Marco Del Fiol e roteiro de Fabiana Wurneck. O vídeo, o segundo da série *Coleção de Autores da Associação Cultural Videobrasil* (o primeiro foi *Certas Dúvidas de William Kentridge*, sobre o desenhista sul-africano, também dirigido por Alex Gabassi), tem 22 minutos de duração. Além do trabalho, está sendo apresentada durante o festival uma retrospectiva dos trabalhos de Rafael França.

Alex Gabassi optou por dividir o documentário em três blocos bem distintos. Conta que começou a conhecer o artista através de sua obra, "o que serviu para que me contextualizasse na época mas não me fez sentir nada visceral, de identidade comigo mesmo. Parti então para pesquisar o trabalho anterior do artista". Foi assim que Alex Gabassi conheceu a litografia, os xerox e as artes gráficas que Rafael França realizou

e descobriu que o artista tinha Regina Silveira como mentora.

Depois veio a fase em que Rafael França realizou intervenções urbanas. "Ele e os colegas do grupo 3NÓS3 encapuzavam estátuas de praças públicas à noite e, no dia seguinte, ligavam para a polícia 'denunciando' o fato. Quando as autoridades tomavam medidas e a imprensa publicava o fato, eles se utilizavam também das notícias publicadas como obra", lembra o diretor, para acrescentar que "eles tiravam a arte do espaço confinado das galerias e a colocavam em contato direto com o público".

Estes e outros registros - e depoimentos de colegas do grupo 3NÓS3, Mário Ramiro e Hudson Jr. - estão no documentário que fala também da terceira fase na vida do artista, em Chicago, onde ele realizou todas suas produções em vídeo (Questões pessoais e o mundo gay, principalmente pós-advendo da aids, permeiam os vídeos de Rafael França). Mas a maior pérola do documentário é a entrevista, localizada através de pesquisa da Associação Cultural Videobrasil, que um aluno de Rafael França no Texas, Charles Nafuz, gravou com o professor em U-matic. A versão completa, em inglês, foi cedida pelo autor.

Sobre o tratamento estético dado ao vídeo, Alex Gabassi conta que "há muito tempo queria trabalhar com o formato *wide screen* - dividindo a tela em três camadas e retirando a primeira e a última. Isso aparentemente diminui o tamanho da tela, mas aumenta a proporção. Pode-se utilizar o meio dela, e aí ganha-se mais espaço", garante. O resultado é um documentário recheado de fotos de arquivo, com muito trabalho de pós-produção, feito em flash, formato ótimo para a internet, com depoimentos de gente importante na vida de Rafael França, como Regina Silveira e o teórico Arlindo Machado, que permite contextualizar a obra do artista de grande contribuição para o cenário da arte brasileira.

13ª EDIÇÃO DO VIDEOBRASIL - FESTIVAL INTERNACIONAL DE ARTE ELETRÔNICA - LEVA A SÃO PAULO OS ARES CONTEMPORÂNEOS QUE SOPRAHAM NA BIENAL DE VENEZA, COM A INVASÃO DAS NOVAS MÍDIAS NAS ARTES PLÁSTICAS

ARTE EM MOVIMENTO



REPRODUÇÃO DO VÍDEO DE GRACIE SANTOS, DA 13ª EDIÇÃO DO VIDEOBRASIL

GRACIE SANTOS

Ainda há quem resista - ou duvide - mas as novas mídias, há muito, deixaram o lugar preferido para assumir o posto central no campo das artes plásticas. Não foi à toa que videointalações, vídeos, performances e web arts inundaram a Bienal de Veneza, ocupando lugar de destaque na mesa das artes plásticas, em dois espaços mais tradicionais de direito das artes. Pelo mesmo motivo, a 13ª Edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica - Videobrasil, que começa hoje e vai até domingo, no Sesc Pompéia, em São Paulo, passa a integrar o campo "novas mídias", com direito à mostra competitiva de web art e CD-ROM e ainda à presença de gente de peso internacional na área, como o norte-americano Gary Hill, uma das estrelas de Veneza, e que é o convidado do festival deste ano.

Mesmo na paróquia de arte e tecnologia, Hill le-

vanta primeiras esculturas sonoras nos anos 70 e de lá pra cá nunca mais deixou o percurso que mescla linguagens. Trouxe ao Brasil arte instalações e uma performance, *The Ribc*. *Performance*, que acontece hoje, às 21h30. Destaque ainda para o italiano Gianni Totti, autor de videopoemas, homenageado por um dos curadores, José Carlos Mariotegui, e para o argentino Marcelo Mercado, autor da performance mais polêmica do evento, *Polizil* - seu corpo nu, sob uma bancada, com monitores ao fundo, será penetrado por um tubo. Sem cema, e manipulação, a vigilância e o desejo. O corpo, "um faloico buraco, infinito-buraco-domado-buraco", segundo o artista, é por sinal vedete constante no mundo contemporâneo da arte eletrônica.

Como nem só de presente e futuro vive o Videobrasil, o passado brasileiro na área vai ser revivenci-

VIDEOBRASIL

de artistas

643

trabalhos inscritos

135

trabalhos selecionados

100

em vídeo

19

em CD-ROM

16

em web art

60 mil

real em prêmios

gado. Assim é que será lançado hoje o documentário *Rafael França*, obra como *Testamento*, sobre o precursor da videarte no Brasil, com direção de Alex Gabassi, Fabiana Wiesneck e Marco Del Piaz. O vídeo é segundo da série *Coleção de Autores*, idealizada e produzida pela Associação Cultural Videobrasil. O primeiro foi *Contra Dúvidas de William Kentridge*, sobre o desenhista sul-africano, com direção de Alex Gabassi.

A homenagem ao videorartista gaúcho que teve morte precoce - Rafael França nasceu em 1957 e morreu em 1991, vítima de aids - tem como base material cedido pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e depoimentos de seus ex-companheiros, como Mario Ramiro e Hadalberto Jr., do grupo *3M43*, e do técnico Arlindo Machado. Além do documentário, o Videobrasil prepara uma retrospectiva de vídeos do artista.

NA PÁGINA 5, A PARTICIPAÇÃO EM MASSA DE MINAS NO VIDEOBRASIL, NA MOSTRA COMPETITIVA E NOS BASTIDORES

ENCONTRO

SOB O IMPACTO DA VIOLÊNCIA

GRACIE SANTOS

De São Paulo

Os efeitos da crise nos Estados Unidos, como não podia deixar de ser, chegaram à 13ª edição do Videobrasil. O norte-americano Gary Hill, que faria a instalação *The Black Performance* na abertura do evento, quarta-feira – e tem três instalações no Sesc Pompéia, em São Paulo, até o encerramento do festival, no domingo –, não conseguiu chegar ao Brasil. O mesmo aconteceu com o canadense Hank Bull, um dos curadores. Mas os dois enviaram e-mails críticos sobre os atentados aos EUA e suas consequências, que foram lidos para a platéia que lotou o teatro do Sesc.

Gary Hill lamentou sua ausência e a da sueca Paulina Wallenberg-Olsson porque em seu país "não há vôos garantidos para lugar nenhum". Disse mais: "Com tanta morte e tristeza sobre nós, podemos apenas esperar que nosso presidente caubói consiga manter seu revólver no colt o suficien-

te para ponderar o porquê de tanto ódio aos americanos. Esperamos que a diplomacia e as negociações prevaleçam".

Hank Bull foi ainda mais duro. Disse que vivemos agora um perigoso momento da história. Uma situação muito instável, que facilmente pode levar a uma guerra apocalíptica. "Já temos muita guerra e muita opressão colonial e um estado de terrorismo institucionalizado". Bull acredita que Europa e América vão usar esta oportunidade para confirmar sua dominação colonial no resto do planeta, e avalia que, por trás desta retórica de liberdade e terrorismo, esconde-se a verdade sobre o declínio do império americano, que tem como única esperança o controle do suprimento de óleo. O curador

VIDEOBRASIL ABRE COM MUDANÇAS NA PROGRAMAÇÃO POR CAUSA DOS ATENTADOS NOS EUA, E COM PROTESTOS DE TODOS OS LADOS

diz que uma saída é criar focos de resistência e afirma que o Videobrasil é um deles.

A diretora do festival e da Associação Cultural Videobrasil, Solange Farkas lamenta a ausência dos convidados, mas afirma que Hill está presente com seu trabalho – três instalações – e acredita que o evento esteja cumprindo seu

papel, reunindo pessoas de nações diversificadas, inclusive palestinos e americanos, revelando a convivência harmoniosa e o interesse que deveria prevalecer, de se unir por um mundo melhor.

Não por acaso, esta busca de um espaço amplo de convivência é a tônica de grande parte dos trabalhos apresentados (vídeos, CD-ROMs e web artes). São temas recorrentes

o corpo, a memória, deslocamentos, espaço urbano, sexo e a relação corpo-sexo-cidade. No debate de ontem entre realizadores, curadores e público, o tema de abertura foi a articulação entre identidade, questões pessoais e artísticas. O mineiro Lucas Bambozzi disse ver as três questões como únicas, indissociáveis. Carlos Magno, também representante mineiro na mostra competitiva de vídeo, afirma sua intenção de "revelar uma resistência às produções mecanizadas, buscando olhares múltiplos, na esperança de se utilizar melhor a série de aparelhos mal usados". Ele quer pensar que seu filho vai poder produzir algo melhor do que o que se vê hoje no mundo.

A chilena Claudia Aravena alega que busca sua identidade, conscientemente, durante todo o tempo, e elogiou o programa do festival que, ao contrário dos europeus, não colocou os latino-americanos como aqueles do Terceiro Mundo, vítimas dos mesmos problemas.

DIGITAL

VIDEOBRASIL TERMINA HOJE COM PERFORMANCE DE ÉDER SANTOS, QUE EDITA IMAGENS CAPTADAS AO VIVO ENQUANTO OS MÚSICOS E BAILARINOS DESENVOLVEM A TRILHA

RITUAL PARA UM SACRIFÍCIO

GRACIE SANTOS
De São Paulo

Vai ser aumento também o encerramento do festival Videobrasil, em São Paulo. A performance *Concerto para Pirâmide, Orquestra e Sacrifício*, de Éder Santos, fecha a Videobrasil, hoje, às 23h. O trabalho foi realizado a partir de uma lenda da qual o artista tomou conhecimento no México, de que as civilizações autênticas sacrificavam suas virgens, no topo das pirâmides, como oferenda aos deuses. Numa viagem à habira, de helicóptero, Éder Santos depoeu-se com a destruição de montanhas, recordadas pela homem sua busca de mistérios. "É o sacrifício das montanhas", afirma.

O sacrifício feminino, que se arrasta pelos tempos, e a destruição das montanhas são o tema central da performance que traz a São Paulo três bailarinos do Grupo Corpo (Ive, Paula e

Peter). No palco, com três telões e estrutura metálica, os músicos Paulo Santos, Paulo Carvalho, Josefina Carqueira, Décio Ramos e Cláudia Cimberlis fazem o show enquanto Éder Santos edita com ao vivo (captadas pelas câmeras dos irmãos Pedro e Paulo Vilela) e são mostradas imagens pré-gravadas. A técnica tem por Costa de Senon (da Tecfil).

Pela primeira vez, todas as imagens pré-gravadas utilizadas na performance são unicamente digitais. Pedro Vilela explica que a tecnologia utilizada foi cedida especialmente à Emvidio pelo Stein, Instituto holandês para desenvolvimento de tecnologia para arte eletrônica. A câmera capta o movimento dos bailarinos e manda ao programa Big Eye, que faz sua própria interpretação da imagem e a envia a outro computador, que lê a imagem e, através do programa ImageLine, a distorce. O resultado

são imagens de movimento e texturas espaciais, que ganham complemento das outras linguagens no palco.

O QUE FEZ FALTA

As reclamações por todos os cantos do Sesc Pampêlia, a malícia por parte dos próprios artistas-realizadores, é a da ausência de grandes instalações nesta edição do evento. As obras presentes são do norte-americano Gary Hill, que embora não chegado a São Paulo por causa dos problemas em seu país decorrentes do ataque terrorista sofrido por Nova York e Washington.

A mais interessante delas, a mesma que está no Rialto de Veneza, é *Half Piece*. Numa sala com tela de projeção inserida, o próprio Hill se joga contra uma parede enquanto emite sons transformados pelo impacto do seu corpo com a parede. O que se sente - de ruído - é o embalo com o intrínseco-

vel, a dificuldade de ultrapassar a fronteira, e as consequências das tentativas infrutíferas de superação das barreiras. O sentimento bem visto da insistência de Hill (pela vida?), que não se abala pelo impacto e encontra forças para ir "adiante" (ainda que sem sair do lugar). Uma luz estroboscópica direcionada à projeção interfere nos movimentos.

Inquanto isso, na sala ao lado, uma mulher emite sons alucinantes em falsete, que soam primitivos, em *Remembering Paralympic*. A musca Paulina Wallenberg-Olsson é, até agora, quem causa mais incômodo no Videobrasil, a sensação de angústia transferida pelas paredes da sala, onde se encontra a instalação e a sua voz parece não deixar mais os ouvintes de quem a viu um dia.

Anotações sobre as cores, dada coisa a menos interessante das instalações traz uma gracinha gravada um tempo real



SONS E IMAGENS

Em cena de "mais digital, impossível", Éder Santos apresenta a performance "Concerto para Pirâmide, Orquestra e Sacrifício"

leto anotações sobre a natureza do ser. O cenário, a roupa e o cabelo da criança, e o próprio livro tornam-se referências visuais do trabalho. A leitura é precária, sendo em vista a dificuldade das palavras em que a mesma esbarra, o que torna impossível a compreensão do texto.



VIDEOBRASIL

MINAS SOBE AO PÓDIO

GRACIE SANTOS
De São Paulo

A 13ª edição do Videobrasil, encerrada domingo, em São Paulo, teve resultado poético e inovador. Das 100 obras em vídeo, seis sobiram ao pódio. Das 41 de novas mídias, outras seis, que levaram vantagens como não vestimentar com candidato-capa menor. Mais o festival não "manteve" vencedores, porém os selecionados em igualdade. E a escola dos vencedores parece ter seguido a definição conceitual da programação (itinerários e pessoais, memória, políticos e globalizados, etc). Com o juri muito reduzido por causa do efeito ataque terrorista nos EUA (três convidados faltaram), o festival escolheu Gilberto Prado (Brasil), da comissão de seleção, para atuar ao lado do Prêmio Lozada (México) e José-Carlos Mariátegui (Peru). Ficaram de fora dos vencedores nomes da nova geração de videomakers nacional. E os três primeiros, 20% dos concorrentes, latunaram um troféu de peso ígnea quilo a bela obra de Carmela Gross) pelas mãos de Éder Santos.

RESULTADO FINAL

OS VENCEDORES

- 1 - *Framed by Curtains* - vídeo de Éder Santos (Minas Gerais/Brasil)
- 2 - *Pluier* - web arte de Marcelo Mercado (Argentina)
- 3 - *Circle Bill* - CD-ROM de Debra Petrovich (Austrália)
- 4 - *Imageless transmission of elved transformations ter day* - vídeo de Mahamout Hajej (Líbano)
- 5 - *The Central City by Stars* - web arte de Steve Tanka (Inglaterra)
- 6 - *Terra Luz* - vídeo de Raquelza Resau (Rio de Janeiro/Brasil)

MENÇÕES HONROSAS

- *Antecipando a Alberto* - vídeo de Luis Eduardo Jorge (Colômbia - Brasil)
- *Instituições* - web arte de Celso Favaretto, Jesus de la Paola Ruiz, Ricardo Anderson, Ricardo Ribonstein e Roberto Moreira (São Paulo/Brasil)
- *It hurts me each night* - CD-ROM de Du Duanjun (China)
- *Love Hotel* - vídeo de Linda Wallace (Austrália)
- *Não há ninguém aqui nº 1* - vídeo de Wagner Moura (São Paulo/Brasil)
- *Nemesis Prometheus* - web arte de Edgar Sibroni Ruffini (São Paulo/Brasil)

Obs.: Cada obra recebeu R\$ 10.000,00 e o troféu entregue por Carmela Gross

NUM TERRITÓRIO SEM FRONTEIRAS

Um território sem marcos, expandido e, principalmente, pacífico, apesar do turbilhão de opiniões divergentes. É no que a 13ª edição do Videobrasil transformou o Sesc-Pampêlia. Vinte e cinco países - incluindo o Brasil - participaram do festival, trafegando fora do eixo das realizações no gênero, deuses de privilegiar apenas obras da Europa, Canadá e Estados Unidos. Em meio à exótica paisagem do espaço movimentado, uma pessoa chamava a atenção. Um serbor de cabelos grisalhos e bengala ágil, que circulava por todos os lados. O italiano Gianni Toti, considerado o pai da videopoesia, foi homenageado pelo curador convidado, José Carlos Mariátegui, do Peru, que o considera "um dos mais interessantes e experimentais videocastas a cena internacional contemporânea".

Sobre a importância do evento e o nível dos trabalhos de nossa competitiva - ele avisa que só viu alguns -, Toti diz: "O encontro humano é sempre a coisa mais importante. E mais difícil. O pensamento é dividido

quando se fala em vídeo, ensino, em qualquer coisa". Para ele, a videarte se ocupa de várias coisas, menos do pensamento, "porque a maioria das pessoas não percebe que antes vem o pensamento, depois o vídeo". O videocasta achou a razão parte das obras do Videobrasil muito documentais, "sem um pensamento artístico que se desenvolvesse". Para ele, vive-se um momento de desenvolvimento, de uma nova conjunção das imagens. "Só falta a consciência deste momento em que a imagem surge como elemento de organização. A arte é sempre revolucionária. Não há arte sem pensamento revolucionário".

DE FORA

- MÉXICO** - *Prêmio Lozada*, curador do *Laboratório Arte Alameda*, na cidade de México, avisa que a globalização é algo muito perigoso no mundo das artes. "Gera-se um estilo e o que há muitas vezes são reproduções de obras".
- BÉLGICA** - *Paul Willems* sugere que a próxima edição revise trabalhos numa programação de menor duração (alguns blocos duraram até três horas) e com apresentações sejam simultâneas.
- FRANÇA I** - O curador *Gabriel Sanchez*, diretor do *Vidéo Femmes*, um instituto francês de vídeo, multilíngua e novas tecnologias (três videofestas) com aparelhos para fazer contatos. Quer realizar mostra só com artistas brasileiros no festival de março de 2002, em Clermont-Ferrand (França).
- FRANÇA II** - O diretor do *CICV Pierre Schoeffel*, em *Hérémicourt* (França), *Pierre Bougnois*, inventou o auditorio quando disse que não iria apresentar as web artes durante sua palestra: "Não basta apenas, elas têm que ser vistas com tempo", avisa (www.videobrasil.org.br).

ENCONTRO EM SP CHEGA A SER CHAMADO DE "VIDEOMINAS", TAL A QUANTIDADE E QUALIDADE DA PRODUÇÃO DO ESTADO

MINEIROS DOMINAM O VIDEOBRASIL

GRACE SANTOS
De São Paulo

O comentário é generalizado. Em alguns momentos, a 13ª edição do Videobrasil, que acontece no Sesc Pompéia, em São Paulo, até amanhã, toma ares de "Videominas". O motivo é simples: não bastasse o fato de Minas estar participando com quase 20% dos trabalhos na mostra competitiva (19 das 100 obras, há também mineiros radicados em São Paulo e Rio de Janeiro concorrendo. É o caso da artista plástica Rosângela Rennó, que faz sua incursão pelo vídeo com Vera Cruz, uma polêmica obra de 44 minutos de duração.

O que se vê é apenas a imagem da película, "desgastada pelos 500 anos de existência". Não há som, apenas legendas simulando diálogos. No final – ou bem antes – o desgaste é do próprio trabalho, que deixa o público cansado do vazio da imagem. Muita gente deixou o teatro antes do final. Os outros concorrentes mineiros sediados em outros lugares são Lucas Bambozzi, Kiko Gólfman e Bel Bechara.

São de Minas também Conrado Almada e Leandro HBL, do Estúdio Mosquito, responsáveis, juntamente com Eduardo de Jesus (outro mineiro, responsável pela assessoria de programação do evento) e Ana Siqueira, pela produção do jornal eletrônico diário do festival. O jornal vai ao ar antes de cada programa da mostra competitiva e procura passar o conceito de cada um deles – os vídeos não estão distribuídos por categoria, mas por blocos conceituais.

BLOCOS

Conrado Almada explica que eles procuraram criar imagens simples, que antecipem o que vai estar na programação. O primeiro dos sete blocos, cujo tema é *Introspectivos e Pessoais*, acabou por gerar o mais divertido dos vídeos. Um cara em diversas situações, no banheiro, parece estar questionando sua própria vida, en-



ENTROSAMENTO

Paulo Santos lança no Videobrasil o disco com as trilhas compostas por ele para performances de Éder Santos

quanto ao fundo um samba de 1920 fala sobre jornais sensacionalistas. Para o segundo bloco, *Memória*, com vídeos bem "familiar", há duas tias num papo familiar em almoço de domingo. Ao fundo, música italiana instrumental.

No bloco *Documentário*, o vídeo é rasteiro. Apresenta a filmagem mal-feita de uma pelada. As cenas são tão ruins

quanto o futebol dos caras. Ao fundo, uma música espanhola de tourada. Para o bloco *Cidade*, o jornal apresenta um travelling de muros grafitados e o que importa é a textura das cenas, ao fundo um sambinha com a cuica em evidência, em ritmo crescente.

Na ala dos *Poéticos e Globalizados*, foram filmadas poe-

trias do MPB-4 interpretando *Beatriz*. No último bloco, *Experimentais*, o vídeo mostra dedos da mão se movimentando, brigando. O duelo se torna tão tenso, que os dedos vão ganhando personalidade própria e o espectador fica na expectativa do que vai acontecer. Não acontece nada.

Outro evento do Videobrasil, o Espaço Aberto (Interessa-

do em investir em trabalhos de pesquisa), traz o mineiro Lucas Bambozzi, que apresenta *4Walls/4Paredes*, projeto desenvolvido durante suas pesquisas na Grã-Bretanha. O que ele propõe é uma discussão sobre a privacidade, numa época marcada pelo surgimento de um inédito e vasto espaço público constituído pela internet.

FERNANDO FILAZAVALGAÇÃO

Capixaba participa do Videobrasil

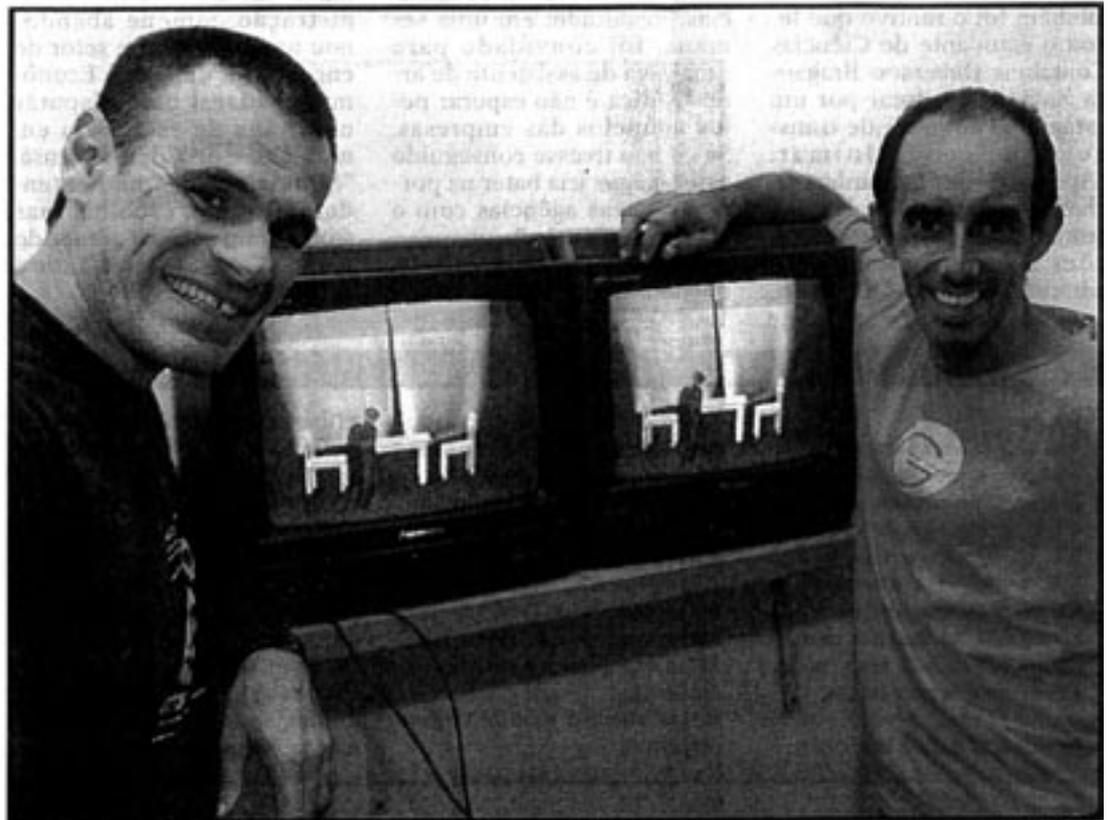
Trip está na competição do principal evento de arte eletrônica do país

ANA LAURA NAHAS

Pelo menos duas coincidências cercam o videoarte *Trip*, único capixaba na mostra competitiva do Festival Internacional de Arte Eletrônica, o mais importante do gênero no país, que começa hoje, em São Paulo. De um lado, há a homenagem que o trabalho do artista plástico capixaba Orlando da Rosa Farya e do videomaker gaúcho Wagner Wasconcelos faz ao artista visual Gary Hill, um dos maiores nomes da videoinstalação mundial, que estará presente no evento. Do outro, há a própria linguagem escolhida por eles, mistura de artes plásticas com vídeo que, nos últimos anos, retornou ao cenário mundial, depois de ocupar boa parte da arte visual brasileira produzida na década de 60.

Trip será exibido no sábado. Enquanto isso, seus criadores aproveitam para ver as modas e fazer contatos com os participantes do Videobrasil, que termina no dia 23. Daqui, o público pode conferir trechos dos concorrentes e outras informações pelo site oficial do evento (www.videobrasil.org.br).

O vídeo passeia pelo universo das artes plásticas. Há referências a Picasso, Mona Lisa, Andy Warhol, Carmela Gross, Joseph Beuys, Leonardo da Vinci e Marcel Du-



Claudney Pessoa

Criadores

Orlando da Rosa Farya e Wagner Wasconcelos levam para a mostra o vídeo já exibido em Vitória, Rio, São Luís, Curitiba e até na Califórnia

champ. "São artistas que me interessam particularmente", explica Lando, 44, professor de desenho e pintura do Centro de Artes da Ufes.

As cenas são freneticamente sobrepostas às imagens do artista francês Pierriek Sorrin, "o personagem virtual" escolhido por Lando para mostrar sua "quase" história, o artista tirado de uma instalação dele mesmo, com imagens captadas na exposição Dia de Festa, que o próprio Sorri realizou, em Paris.

Trip tem apenas dois minutos e cinquenta de duração, mas, para ser realizado,

consumiu um mês de edição, além dos cinco anos de pesquisas e captação de imagens, realizadas nas viagens de Lando por Nova York, Londres, Paris, Berlim, Praga e São Paulo. "São pólos de referência das artes plásticas mundiais, locais em que se discute arte contemporânea e também se discute a relação arte-cidade", justifica.

O vídeo, explicam os autores, não tem roteiro. São apenas imagens, ritmo e formas de mostrar o papel que a arte assume nesses grandes centros. "Foi um processo totalmente criativo, deixamos o

próprio fluxo das imagens induzirem a montagem, há uma relação poética entre a arte e o vídeo, neste caso", diz Wagner W., que adotou o pseudônimo em homenagem ao cineasta Wim Wenders, grande entusiasta da linguagem digital atualmente.

Trip, gravado em VHS-C (formato de vídeo compacto) e editado em Super VHS, é o terceiro trabalho realizado em parceria entre os dois, que, em breve, iniciam a captação de imagens para um vídeo digital baseado num livro de contos da escritora capixaba Virgínia Tamañini.

Imagens sem fronteiras

Giovanna Castro

Quem mexer com vídeo em Salvador, ou quem pretenda amiscalar-se nas artes visuais, tem uma boa oportunidade para conhecer de perto o que de mais atual vem sendo produzido nesta linguagem no Brasil e em países como Argentina, China, África do Sul, Portugal, México, Itália, Chile, Israel, Peru, Venezuela, Austrália, Líbano, Hungria e Alemanha. E que cem vídeos da mostra competitiva do 13º Festival Internacional de Arte Eletrônica - Videobrasil, realizado em setembro passado na cidade de São Paulo, começam a ser exibidos, amanhã à noite, no Teatro do Icaha (Vitória). Posicionado entre os cinco melhores do mundo - segundo ranking divulgado em catálogos especializados -, o festival é considerado o melhor do gênero na América Latina.

A Mostra Itinerante Bahia segue até o dia 22, sempre a partir das 18h, com entrada franca. Amanhã, às 19h, a diretora e curadora do festival, Solange Farkas, profere palestra e, em seguida, lança o videodocumentário Rafael França - Obra como testemunho, em homenagem ao pioneiro da videoarte no Brasil. O documentário, dirigido por Alex Gabassi e Marco del Fiol, tem apenas 20 minutos e reúne depoimentos e imagens do acervo pessoal do artista, assim como de colaboradores, mestres e técnicos.

Sob o título Fluxos, fusões e assimilações, o 13º Videobrasil exibe produções audiovisuais de 15 países nas mostras competitivas de vídeo e novas mídias, além das performances, palestras, discussões com artistas renomados, exposições e videoinstalações, configurando um amplo panorama da videoarte internacional. Salvador recebe apenas a mostra competitiva de vídeo, por iniciativa da produtora Tatiana Carvalho, com apoio do Instituto Cultural Brasil-Alemanha. "Achel fundamental Inzer e Videobrasil para Salvador, para movimentar o mercado e dar oportunidade a quem está produzindo vídeo de ver o que está sendo feito no Brasil e no resto do mundo", justifica Tatiana. Quem quiser conferir os trabalhos em novas mídias deve acessar o site do festival (www.videobrasil.org.br).

O festival do ano passado - que, pela primeira vez, recebeu trabalhos em web arte CD-ROM

- revelou, segundo Solange Farkas, que a arte eletrônica absorveu muito da linguagem da internet em termos estéticos e abriu sensíveis alterações temáticas. "A entrada das novas mídias mudou o panorama da videoarte. O tema do evento (Fluxos, fusões e assimilações) foi escolhido exatamente por conta das linguagens estarem cada vez mais híbridas. Agora, cinema, vídeo e web interagem e está difícil estabelecer categorias", afirma a curadora.

A Bahia foi representada no festival apenas por Mônica Simões. O público que for ao Icaha na quarta-feira poderá ver Bahia, documentário produzido em 1999, que enfoca aspectos da cidade de Salvador, como pessoas, transporte, comida, arquitetura, luzes e sombras. O vídeo (patrocinado pela Diretoria da Imagem e Som da Fundação Cultural do Está-

do) foi resultado de um trabalho feito por Mônica com nove jovens que se destacaram em oficinas com a videoartista. Ela participou de edições anteriores do Videobrasil, como Café com pão, manteiga não é Oufimbos urbanos.

No último dia, o público conhecerá os ganhadores da categoria vídeo, que são Framed by curtains, de Eder Santos (MG), Vera Cruz, de Rosângela Rennó (RJ), e Shameless transmission of desired transformations per day, de Mahmoud Hojeij (Líbano), além das menções honrosas Antecipando o absurdo, de Luiz Eduardo Jorge (GO), Loveshot, de Linda Wallace (Austrália) e Não há ninguém aqui, de Wagner Morales (SP). Depois de Salvador, a mostra itinerante circula por unidades do Sesc do interior de São Paulo e mais dez países ao redor do mundo.

A mostra de vídeos do 13º Videobrasil - que reuniu cinema, vídeo e web em São Paulo, em setembro passado - chega a Salvador a partir de amanhã, no Icaha (Corredor da Vitória)



A curadora do festival, Solange Farkas: 'As linguagens estão cada vez mais híbridas'



'Framed by curtains', de Eder Santos, um dos trabalhos vencedores, que poderá ser conferido na sexta



Imagem de 'Reencontro', de Rafael França, pioneiro da videoarte e homenageado da mostra, que acontece de amanhã a sexta, a partir das 18h



A produtora Tatiana Carvalho, responsável pela vinda da programação integral de vídeo a Salvador



AUDIOVISUAL

A diretora Solange Farlos está presente na exposição apresentando diversos trabalhos que enfocam o cotidiano das grandes cidades

FESTIVAL DE VÍDEO

Videobrasil chega a Salvador

Considerado o maior e mais importante festival de arte eletrônica da América Latina, evento reúne profissionais de primeira linha

MARY WEINSTEIN

pela primeira vez, Salvador irá assistir, integralmente, ao 13º Videobrasil, consagrado como uma das vitrines mais importantes da arte eletrônica internacional, na América Latina.

A apresentação dos vídeos do festival, que aconteceu em setembro passado, no Sesc-Portézia, em São Paulo, será aberta amanhã, às 19 horas, pela estalada Solange Farlos e pela

exibição do documentário *Rafael França: Oito Como Testamento*, dirigido por Alex Gabussi e Marco del Fiol. Em seguida, haverá um espetáculo, no Teatro do ICBA (Vitória).

"Vanguardista por tradição", o Festival aborda a temática *Photos, Films e Assimiláveis*, como reflexo da crescente convergência de plataformas (vídeo, internet e CD-ROM) para a criação de novos linguagens e conceitos.

Com produções audiovisuais

de 15 países, expoentes e novos talentos da arte eletrônica, o festival ratifica o seu prestígio porque reúne obras de qualificados videomakers.

Da Bahia, o único vídeo selecionado foi *Bahia*, de Mônica Simões, sobre a cidade de Salvador, abordando temas do cotidiano: pente, arquitetura, comida, meios de transporte, luz, cor e cores. A milha sonora é recheada de sons e ritmos locais, de músicas de compositores baianos contemporâneos,

passando do erudito ao experimental.

Em 2001, a comissão de seleção analisou 644 trabalhos (488 vídeos, 98 CD-ROMs e 58 de web-art), número recorde de todas as edições, que representou um aumento de 61% em relação à edição anterior.

O festival divide-se em duas categorias - vídeos e novas mídias. Para a mostra competitiva de vídeos, foram escolhidos 100 vídeos de 13 países (num total de 98 horas), e, para a mon-

tra competitiva de novas mídias, foram selecionadas 18 obras em CD e 17 feitas para a internet originárias de 15 países.

Na nova organização a competição de vídeos, foi aberta principalmente aos países em desenvolvimento e aos de língua portuguesa, enquanto a de novas mídias não teve restrições.

No epicentro do festival esteve Gary Hill, ícone da videarte mundial que foi prestigiado com a exibição de obras de todas as fases de sua carreira. O Videobrasil também dedicou ao artista as videoinstalações *Remembering Paraguay*, de 2000; *Wall Piece* - obra de 1998 exposta na Bienal de Veneza deste ano - e *Remarks On Color*, 1994 - 1998, todas centradas na voz e na comunicação.

Os vídeos premiados vão ser exibidos sexta-feira. São eles *Framed by Certains* (11min15) Ester Santos/ Brasil-MG/ 1999; *Viva Cruz* (44 min) Rosângela Rennó/ Brasil-RJ/ 2000; e *Shameless Transmission of Desired Transformations Per Day* (24min00) Mahmoud Hojeij/ Líbano/ 2000;

As menções honrosas foram conferidas aos vídeos *Ameçanando o Abstrato* (6min15) Luiz Eduardo Jorge/ Brasil-GO/ 2000; *Lovehotel* (6min15) Lindo Wallace/ Austrália/ 2000; e *Não Há Ninguém Aqui* (4min30) Wagner Moraes/ Brasil-SP/ 2000)

Em Salvador, o Videobrasil tem produção da baiana Tatiana Carvalho, que também fez parte da equipe de produção do festival, em São Paulo. Na Bahia, a mostra conta com a co-produção do Instituto Goethe e o apoio do Bernard Prestige Bistó, Via 44 e Venture.

SINTONIZE

Programação Mostra Itinerante Bahia

■ Do 18 a 22 deste mês, às 18 e às 20 horas.

■ No Teatro do ICBA

■ Entrada franca